Aveiro ★ 6-Junho-1964 ★ Ano X ★ N.º 500

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS • PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS EM «A LUSITÂNIA» RUA DE HOMEM CRISTO, 17-25 — TELEFONE 23886 — AVEIRO

suplemento de letras e artes
direcção de jaime borges e mário da rocha

VAE VICTIS

teatro • cinema • literatura • artes plásticas
ensaio • poesia • crítica • crónicas • entrevistas

uma arte que prova uma exposição estragada

NÃO damos novidade nenhuma a ninguém. No entanto, não resistimos a começar por dizer: **1)** a arte abstracta presta-se, como nenhuma outra, a toda a gama de mistificações; **2)** a arte abstracta é, nos verdadeiros artistas plásticos, não um ponto de partida ou um modo de tornear as dificuldades técnicas do pintor a desenhar, mas é sim uma fase de chegada, autêntica conquista de depuramento sensorial e sublimação formal; **3)** a arte abstracta obriga o espectador a saber olhar a pintura e não apenas a vê-la; a distinguir a cor da linha; a não identificar a poética com a mímeses, a imagem e a imaginação!

Que outros méritos não tivesse, — que os tem! —, a arte não — figurativa tornou mais visível a distinção do desenho da pintura, que são artes distintas, conquanto possam ser artes complementares, integrantes, constituindo por si o todo da obra pictórica.

A pintura abstracta regendo-se, tal como a música mais do que nenhuma outra arte, por leis imanentes duma estética sua, especifica-se por um desejo de invenção, esquecendo todo o real. Quer dizer: uma realidade sensível de configuração sensorial, tenha sido ou não *motivo* para o artista, não é *tema* na obra de arte, pois nesta não existe nenhuma sombra de qualquer objecto. A arte abstracta, cuja aparição o «Fauvismo» de Matisse ou da Académie Carrière, e o Cubismo de Braque, Gris e Léger, haviam preparado favorecendo o desenvolvimento autónomo das formas e das cores, a arte abstracta, dizíamos, começou por ser, verdade se diga, um ponto de chegada duma posição antiromântica, antinaturalista, para terminar aceitando como valor absoluto a não representação natural das coisas.

Em 1910, quando Kandinsky pintava a sua primeira aguarela, toda ela feita de manchas de cor justapostas dinâmicamente, mas sem qualquer intenção representativa, o pintor publicou «Du Spirituel dans l'Art».

Mais tarde, em Outubro de 1917, em «Le Style», completaria a «revolução»: a realidade natural vasa-se na realidade abstracta.

No entanto, Mondrian não se esquece de lembrar que «a lei mais importante da vida, como da arte, é a do equilíbrio». Por isso, o revolucionário pintor holandês procurou «sobrepor-se à expressão individual», «materializando o ritmo, livre e universal».

A arte abstracta foi assim, **històricamente**, o termo duma longa viagem, um parto doloroso. Foi-o assim na História da Arte; é-o ainda assim na caminhada que cada artista empreende ao tomar a paleta e os pincéis!

*

Esta seriedade, esta autenticidade da pintura abstracta tem agora o público

Continua na página 3

4.º Centenário de Shakespeare

... «Génio de carácter lumínico, Shaskespeare deixou em tudo quanto escreveu uma marca indelével de profecia e revelação, que só uma reflexão persistente logrou desvendar após uma luta laboriosa com a intrasigência da Esfinge. Poeta dramático de primeira grandeza e dramaturgo de vigoroso surto lírico criou uma forma de expressão que ficou para todo o sempre memorável. O número de versões da sua Obra em todas as línguas cultas do Mundo só tem par com as traduções da Bíblia, representando cada nova tentativa uma transposição de ricas massas verbais, de subtilezas de engenho e duma eurítmia de unidades frásicas para as quais o idioma terminal parece quase sempre um instrumento inadequado e tosco.»

Luís de Sousa Rebelo
in — Obras de Shakespeare

Vivian Leigh no papel de Lady Macbeth

SHAKESPEARE
Sheik Pir, Shikospurov?

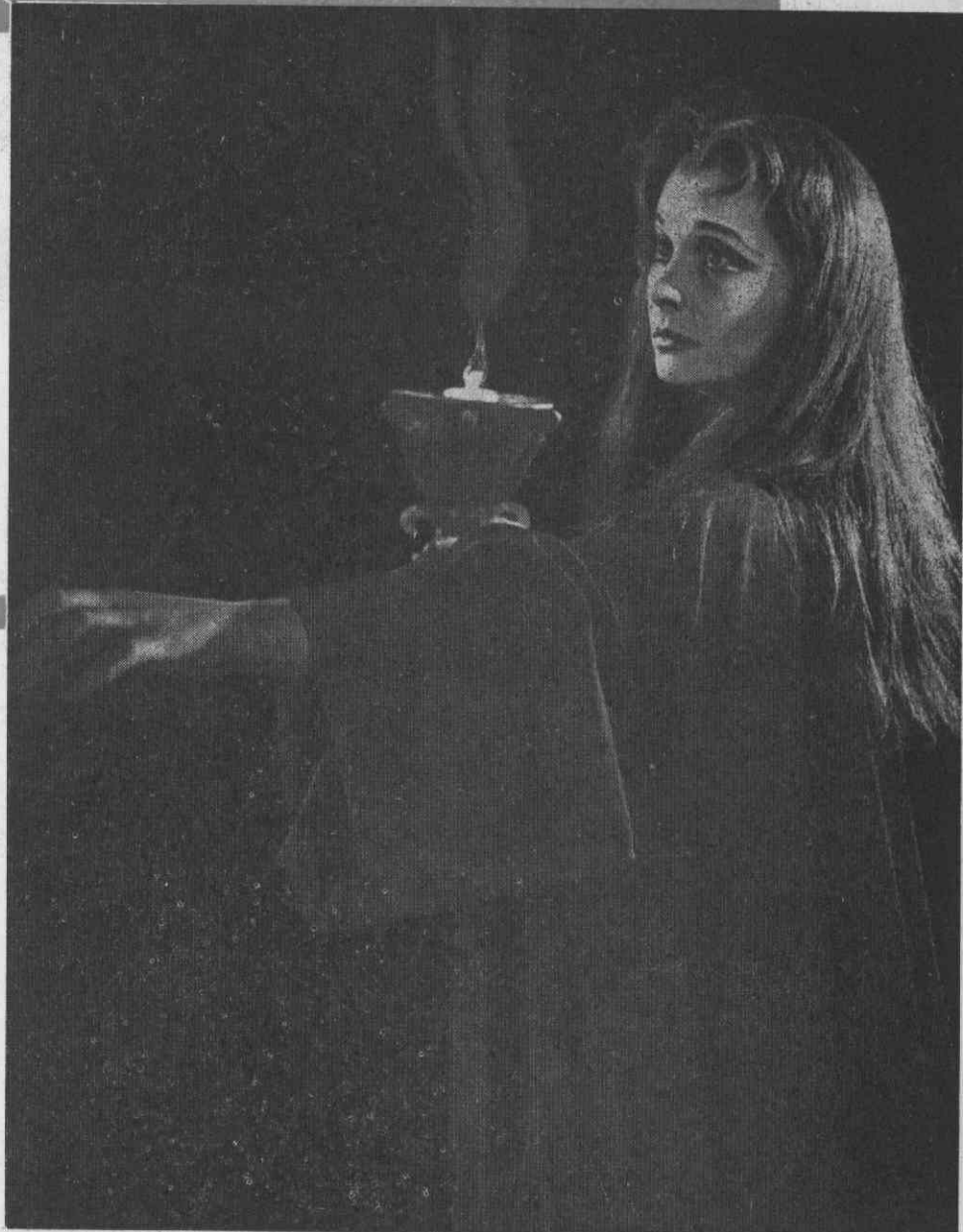
*«What's in a name?
That which we call a rose by any other name would smell as sweet.»*
Romeu e Julieta

A floresta de estudos anti-Shakespereanos é vasta e diversa, e conta muitas árvores. A mais alta e frondosa é sem dúvida a Baconeana. O primeiro a quebrar lanças pela teoria de que Shakespeare era Bacon foi um Reitor de Barton-on-Heath (ao norte de Stratford) no Séc. XVIII. Um século mais tarde, Miss Delia Bacon, descendente do filósofo britânico no Novo Mundo, entendeu declarar súbita e pùblicamente, na revista *Putnam's Monthly*, que Shakespeare era o pseudónimo daquele seu maior. Passando da palavra à acção, cozinhou repolhuda obra em apoio da sua verdade e acabou no hospício. Levantado porém o pendão, não faltaram alferes. Em 1883 foi a *débacle*: publicação de *A Dupla Personalidade de Francis Bacon decifrada com base nos seus Escritos*, por Mrs. Wells-Gallup que, não contente em afirmar que Bacon escrevera as peças de Shakespeare, lhe atribuia ainda a progenitura das de Marlowe, Greene, Peele, de trechos da *Rainha das Fadas*, de Spenser, da *Anatomia da Melancolia*, de Burton e estabelecia, categòricamente: Bacon era muito provàvelmente filho da Rainha Isabel e do Conde de Leicester... É uma verdade que aos sandeus nunca faltaram argumentos.

Ao não se entregar a tais excessos ficou devendo a Francis Bacon Society (a mais antiga e prestigiosa de todas as instituições anti-Shakespereanas) o continuar ainda florescente. Bismark, Disraeli e Mark Twain eram Baconeanos e, segundo o *Observer*, não faltaram trôpegos Professores que murmurassem ao ouvido audaz do Presidente desta Sociedade: «Tendes mais que razão. Bacon *era* Shakespeare. Mas se eu dissesse uma coisa destas em público esmagavam-me».

O primeiro Shakespeare aristocrata foi William Stanley, VI Conde de Derby, candidato apresentado em 1892 por J. Greenstreet. Depois vieram Roger Manners, V Conde de Rutland, Edward de Vere, XVII Conde de Oxford (descoberto por T. J. Looney em 1918). E, muito mais recentemente, a revista Past and Feature lançou peregrino argumento a favor da teoria «pro nobilitate»: como poderia um simples, um labroste como o jovem Shakespeare, falar da realeza com tão profundo conhecimento de causa e vir a ser o maior dramaturgo do Mundo? Também não faltou quem atribuisse as suas peças à soberana, a Isabel, a Rainha Virgem. De resto, observa a propósito a revista *Plays and Players*, tudo indica que os romances de Dickens, que começou por ganhar a vida numa fábrica de sebos, foram escritos pela Rainha Victoria, que Deus guarde.

Há também os Marlowsitas, que arriscariam o pescoço, a ser necessária prova tão feroz, pela teoria de que, na altura em que se julga que Marlowe foi assassinado, cobiçoso empresário o sequestrou e obrigou a escrever toda a obra de Shakespeare.

Continua na página 7

Uma arte que prova — Uma exposição estragada
4.º Centenário de Sakespeare
Shakespeare, Seik Pir, Shikospurov?
Círculo Experimental de Teatro de Aveiro
Outro Acto — Conto
Poesia de Abílio
Artes e Artistas
Noticiário

h o j e

SHAKESPEARE

Sheik Pir, Shikospurov?

Continuação da primeira página

Outro argumento que a obra de Shakespeare é por demais rica e variada para poder ter sido escrita por um indivíduo apenas. Esta teoria duma «carbonária artística», duma «Mafia Literária» atribui por um lado aos Jesuítas a responsabilidade do que Shakespeare escreveu, por outro a uma estrangeirinha de grandes senhores e artistas a autoria de tudo quanto o vate produziu. E também não faltam os espíritos de contradição que, quanto à obra de Shakespeare, não achando que já basta o que basta, a acrescentam com o *Paraíso Perdido*, *Robinson Crusoe*, *As Viagens de Gulÿver* e a Versão Autorizada da Bíblia.

Perante este supermercado de alternativas, não pôde deixar de ser com o maior espanto que o Presidente da Indian University Grants Comission, que se encontrava em Inglaterra soube, em trágico e chuvoso Novembro de 1958, que um professor do Sul da Índia conseguira identificar Shakespeare: seria, segundo ele, um Indiano chamado Sheshappa Iyer que, após ter demandado Carachi em busca de melhores dias, aí tomou o nome de Sheik Pir e lá se foi para Inglaterra às osgas. Aí chegado, resolveu a situação e descansou as almas de todos, tornando-se Shakespeare.

A ofensiva não ficou por aqui. Os Árabes ficaram estomagados com a teoria indiana. E logo houve um Professor de Literatura na Universidade de Londres, o Dr. Safa al-Khulusi, árabe como os melhores, que em noite sem dormência teve a revelação: Shakespeare foi incontestàvelmente um árabe, pois que tinha tipo de beduíno (o epíteto de cameleiro passou pela tangente...) e, muito provàvelmente, dava pelo nome de Sheik Zubair. Logo espalhada esta, ó encendida fantasia!, uma bela e picante odalisca, a Senhora Khadija Fuad, do Cairo, pôs as coisas em pratos limpos: Sheikh Beer era o nome correcto do bardo. E, como a discussão se situasse no domínio da linguística, um Libanês discordou: Sheikh Beer não, Sheikh Esper!

Em Novembro de 1963 entram na baila os Soviéticos, com um estudo, dialéctico e maloio, referenciando sem dúvida as possibilidades que, para a construção da Sociedade socialista apresentar o facto de Shakespeare ser afinal um russo. Sagaz russo teria sido pois, descortinando talvez o que em 1917 viria a acontecer na «Santa Mãezinha» Rússia, Vladimir Shikospurov (assim nos promete o material estudo que se chamava o infeliz) entrou de traduzir para russo contos folclóricos, de andar em bolandas pelos estados tártaros e, russo perspicaz, de visitar o Golfo Pérsico e a África. Como o navio em que viajava fosse metido a pique (algum avatar anarquista, por certo) o pobre Vladimir foi pescado por uma galera veneziana que o levou para Itália, onde entrou em poder da libertinagem e da indecência. Depois de por ali muito foliar, tendo notícia do indecoroso fim que levara a Invencível Armada esgueirou-se para Inglaterra onde mudou o nome para William Shakespeare e escreveu que nem um desalmado até ao fim dos seus dias, pois ser Shakespeare era obra e na Itália aprendera que Roma e Pavia não se fizeram num dia. Ainda teve tempo, antes da hora derradeira, de escrever um tenaz «diário» de 900 páginas (autocrítica? Relatório confidencial?) de que faz entrega à tripulação duma traineira russa que se encontrava no porto de Londres, pedindo que o diário fosse entregue à «família». Depois morreu, roído de saudades mas com o volumezinho das obras acabado.

Admita-se que neste campo seria difícil fazer melhor. Mas existe ainda a notável teoria do senhor Kenneth Round, professor de Inglês que, no periódico *Western Morning News*, estabeleceu, em Março de 1963: Shakespeare era Jonson e Bacon ao mesmo tempo. Se se estudar a assinatura de Shakespeare logo disso se tem prova: lido ao contrário, William resulta Bacon e Shakespeare Jonson. Consequentemente: Bacon e Jonson, de conjura, haveriam utilizado o nome de William Shakespeare para as obras, que seriam produto comum. Mas a cobiça destrói o carácter: William Shakespeare e seu irmão gémeo exigiram posteriormente que William fosse declarado autor efectivo das peças. Para se protegerem, Jonson e Bacon introduziram nas peças diversas indicações cabalísticas e por fim Jonson acabou por estrangular alegremente William, no dia em que completava 25 anos.

Indiano ou Árabe, Russo ou Cigano, o panorama é atraente, mas totalmente erróneo. Para descansar os espíritos exaltados, aqui damos a verdadeira história do vate: Shakespeare era um visitante do espaço. Desculpam-se fàcilmente os patronos das outras teorias contraditórias pois só agora que vamos vivendo o início da idade das viagens interplanetárias nos foi possível descobrir que Shakespeare ou era Marciano ou Arcturiano. De resto, ele próprio nos fala da sua experiência em viagens espaciais: «Dei uma volta em torno da terra no espaço de 40 minutos» (Sonho duma Noite de Verão). De sputnik teria levado 80 minutos, mas para William as ninharias não serviam. Que uma vez exilado na terra e em bolandas com as dificuldades da carreira teatral lhe tivesse dado a nostalgia dos espaços é outro ponto assente: «Meu Pai e minha Mãe conceberam-me sob a cauda do Dragão e eu Nasci sob a Ursa Maior» *(King John)*. Neste ponto porém, talvez Shakespeare tivesse apenas pretendido exprimir o seu orgulho de «homem de espaço», a sensação de «ser diferente», a paixão pelas estrelas. Paixão, de resto, que o levava a falar constantemente delas. Poderíamos multiplicar as citações sobre a «música das esferas» a que William se refere, aos «astros que governam os nossos destinos» e ainda, transcrever a balada da despedida, do regresso aos planetas distantes: «Adeus, Terra querida, donde te vejo caberias no meu braço» (Ricardo II).

Graças a esta teoria, já é possível compreender bem a obra de Shakespeare e ver, nas suas tragédias, o destino num homem que se debate entre o apelo do seu génio teatral e a nostalgia das estrelas, lutando por um lado com o desejo de regressar à estratosfera e por outro com a atracção duma vida cómoda e segura. E se nunca o disse expressamente foi porque decerto o acusariam de feitiçaria (estava-se no Século XVII) e então adeus estrêlas e adeus teatro!

Os seus contemporâneos julgavam-no um homem económico, tranquilo, previdente e próspero. Mas talvez fosse essa a faceta do medo. Pois ele disse: «Que terror, que vertigem me causa olhar de tão alto!... Não ouso olhar, de medo que o cérebro se me transtorne e eu me precipite em terrível queda, de cabeça para baixo!» (Rei Lear).

Pouco coisa se sabe do fim da vida de Shakespeare. Quanto a nós, tentou regressar ao planeta natal. E de que preparava uma última viagem, falecendo em misterioso desastre espacial são prova suficiente estas palavras de sombrio presságio que decidiu incluir na última peça que escreveu, Henrique VIII: «Cairei como um meteoro brilhante na noite, e ninguém voltará a ver-me».

Pobre Shakespeare.

artes e artistas

Arquivamos hoje aqui as «presenças» dos artistas que, até hoje, já expuseram na nova Galeria de Arte que Aveiro, ao lado dos grandes centros urbanos onde a cultura não um falso contorno social, possui aberta dentro dos seus muros desde o passado dia 2 de Maio. A Galeria Borges foi inaugurada com a exposição de «Nove Artistas de Aveiro», a que Mário da Rocha dedicou oportunamente uma resenha crítica publicada no «Litoral» de 9 de Maio último.

Hoje, pretendemos apenas arquivar a «ficha» dos artistas que, depois e até hoje, ali expuseram.

Sete Artistas do Porto

ABÍLIO

Nasceu na Maia em 1926. Realizou duas exposições individuais no Porto e participou em várias exposições colectivas no País e no estrangeiro. Está representado no Museu Machado de Castro, em Coimbra; na Galerie Nouvelle Gravure de Paris; na Galeria Alvarez, do Porto; na Colecção da Fundação Gulbenkian e em várias colecções particulares.

LEITE

39 anos. 9 exposições individuais (uma em Espanha). Presente nos I-IV-V Salão dos Novíssimos — prémio Domingos Sequeira no IV Salão dos Novíssimos; III Bienel de Arte Moderna de Paris; VIII Mostra Internacional de Lugano, Suiça.

GUIMA

Nasceu em Guimarães em 1928. Apresentou-se individualmente no Porto (1957, 1959 e 1964); em Guimarães (1958); Coimbra (1958); na Corunha (1961); em Lisboa e Madrid (1963); esteve representado em «7 Jovens Estrangeiros em Paris» (1960); IV e V Salão dos Novíssimos; I e II certame de Artes Plásticas da Galiza; Rio Douro visto pelos Artistas Plásticos e em Guimarães (1963) com o escultor Oscar Salgado Guimarães. Representado em várias colecções Nacionais e Estrangeiras.

BARATA FEIO

Nasceu em 1938. Escultor pela Escola de Belas Artes do Porto. Concorreu às Exposições Magnas da Escola de Belas Artes do Porto, à I, II e III Exposição dos Novíssimos; I Bienal de Paris; II Exposição da Fundação Calouste Gulbenkian. Prémio Mestre Manuel Pereira da II Exposição dos Novíssimos.

EZEQUIEL

Nasceu a 2 de Março de 1930. 1959 — 1.ª Exposição Individual (pintura e desenho) Academia Alvarez-Porto; Exposição de Cerâmica em Viana do Castelo e Porto; II Exposição de Artes Plásticas de Viana do Castelo; I Salão dos Novíssimos. 1960 – II Exposição Individual de Pintura e Desenho em Viana do Castelo; III Exposição Individual Pintura e Desenho na Galeria Alvarez, Porto; Exposição de Cerâmica em Viana do Castelo. 1961 — IV Exposição Individual de Pintura, Desenho e Cerâmica na Galeria Alvarez; Exposição de Cerâmica em Viana do Castelo. 1962 — Exposição de Desenho na Galeria Wendenwerg — Basileia — Suiça; Exposição de Desenho na Galeria Stenzen — Munique — Alemanha. 1963 — Exposição de Pintura e Desenho em Viana do Castelo; Exposição de Cerâmica em Viana do Castelo; V Salão dos Novíssimos - Cerâmica. 1964 — VI Salão dos Novíssimos – Cerâmica e Desenho.

VARIK

Nasceu a 26 de Agosto de 1925. Escreveu «O Missal do Aprendiz de Feiticeiro», «Os Livros Sibilinos da Lusitânia» e «Ódio de Bacante – uma gesta orgânica».

Realizou Exposições em Lisboa, Porto e Espanha. Realizou em Portugal a Primeira Exposição de Arte Fantástica (pintura). Colaborou nos principais jornais e revistas literárias portuguesas.

VILELA

Esteve representado no Ultramar: I Salão de Educação Estética, 1942, onde obteve o 1.º prémio; II Exposição da Sociedade Cultural de Angola em 1949; I Exposição da Associação dos Naturais de Angola, 1952, onde obteve o 2.º e 3.º prémios; I Concurso Artístico do Instituto de Angola 1954; I Exposição dos Artistas de Artes Plásticas no Lobito. Exposições individuais em Benguela e Lobito.

Esteve representado na Metrópole, durante o período escolar em todas as Exposições Magnas da Escola Superior de Belas Artes do Porto; Na I Exposição dos Alunos da E. S. B. A. P. em Évora, 1962; na Exposição Temas Alentejanos na E. S. B. A. P. em 1963; Exposição de Artes Plásticas da Queima das Fitas, Coimbra, 1961, onde obteve o 2.º prémio; IV Salão dos Novíssimos, 1962, onde obteve o prémio Amadeu de Sousa Cardoso; III Bienal de Paris, 1963; V Salão dos Novíssimos, 1963; VI Salão de Arte Moderna, S. N. B. A 1963; VI Salão dos Novíssimos, 1964.

A terceira exposição realizada na Galeria Borges foi a primeira individual constituída por 21 trabalhos de Abílio

ABÍLIO

Abílio nasceu na Maia, em 1926. É autodidacta. Começou a sua actividade artística como caricaturista e ilustrador. A partir de 1956 dedica-se à pintura; e à gravura desde a fundação, em 1961, da oficina livre de gravura da Academia Alvarez, onde actualmente é professor assistente.

Expôs individualmente na Galeria Divulgação, no Porto em 1959 e, em 1962, na Sala da Sereia, também no Porto.

Colectivamente participou em:

1960 — «Sala 60», Fenianos, Porto; Exp. Henriquina de Viseu.

1961 — «Exp. do Natal da Galeria Alvarez», no Porto.

1962 — «Exp. Itinerante de Arte Moderna da Galeria Alvarez», em Coimbra no Museu Machado de Castro e, em Amarante na Biblioteca Museu; «Exp. de Artistas Portugueses» realizada pelo pintor Mário Silva na Holanda; «Exp. do Natal» da Galeria Alvarez.

1963 — «Exp. da Gravura Portuguesa Contemporânea», em Lisboa na Soc. Nacional de Belas Artes; «59.º Salão da Primavera», em Lisboa na S. N. B. A.; «IX Salão do Outono», no Estoril; «VI Salão de Arte Moderna», em Lisboa na S. N. B. A.; «Exp. do Natal da Galeria Alvarez».

1964 — «I Exp. de Artes Plásticas da Árvore C. A. A.», «1.º Salão Claro-Escuro», em Lisboa na S. N. B. A.; «7 Artistas do Porto» na Galeria da Livraria Borges, em Aveiro.

Está representado no Museu Machado de Castro; na Galeria «La Nouvelle Gravure», em Paris; na Colecção da Fundação Gulbenkian e em várias colecções particulares. Tem colaboração dispersa em alguns jornais e revistas nacionais. É autor do livro de poemas «O VOO DO MORCEGO».

NOTICIÁRIO

Realiza-se em Cascais, nos próximos dias 13 e 14 de Junho, o «II Encontro dos Suplementos e Páginas Culturais da Imprensa Regional», de todo o País. A organização do Encontro, que, para já tem o apoio oficial da Sociedade Portuguesa de Escritores, está ao cuidado duma comissão organizadora constituída pelos orientadores dos suplementos literários «Cidadela», «Labareda» e «Artes e Letras», de «Notícias de Guimarães».

Não podemos hoje dar maior desenvolvimento por termos recebido notícias do «Encontro» quando já tínhamos paginado o nosso suplemento. Esperamos dar o merecido relevo no próximo número, contando «Vae Victis» estar presente a representar o «Litoral».

●

Sol na Janela — *Manuel Amaral — Novelas;* Imbondeiro Gigante — *Contos;* Obras Quase Completas — *Heitor Gomes Teixeira — Poesia — «Publicações Imbondeiro».*

No próximo número de «Vae Victis» faremos referência destacada a estas três publicações Imbondeiro que recebemos, e às quais não era possível dar hoje o devido relevo.

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

Histórias...

PEPE E PACO

Narração do TENENTE GONÇALO MARIA PEREIRA

Quando, nos saudosos tempos da minha mocidade, antes de ser chamado para a tropa, mourejava por terras de Espanha ao serviço duma empresa comercial que exercia a sua actividade em toda a Península Ibérica, ouvia, por vezes, os meus colegas espanhóis contarem a história do Pepe e do Paco. Diziam-na verdadeira e relatavam-na a nós, portugueses, com certo sentido pejorativo, embora em brincadeira, para se divertirem. Essa história era assim: «Era uma vez dois irmãos galegos, ambos pastores. Um chamava-se José Gonzalez e o outro Francisco Gonzalez. Ora sabe-se que, na língua de Cervantes, José também é designado por Pepe e Francisco por Paco. Eram naturais de Pontevedra.

O Pepe emigrara em tempos para Lisboa, aonde governava bem a vida no mester de aguadeiro».

Como muita gente sabe, e quem o não sabe fica-o sabendo, a distribuição da água aos domicílios, nesse tempo, em Lisboa, era feita por galegos. Iam aos chafarizes ou às fontes, enchiam os barris – do tipo pipos de madeira com aros de folha de ferro — e, a pau e corda, levavam a linfa às habitações aonde a vendiam às donas de casa. Pelas ruas da cidade ouviam-se frequentemente os seus pregões muito pitorescos: Àú! àú!

O outro irmão, o Paco, continuava na sua terra natal pastoreando o rebanho, de vara na mão e de manta às costas.

A vida de pastor era, como ainda deve ser, muito ingrata e sem futuro.

Um dia, sabendo o Pepe, em Lisboa, que o irmão continuava na Galiza, na miserável vida de pastor, galgando montes e vales atrás do seu rebanho, de sol a sol, arrostando com as intempéries por vezes, e com o estômago quase sempre a dar horas, resolveu chamá-lo para junto de si, escrevendo-lhe uma carta e mandando-lhe dinheiro para a viagem.

Aquela carta, escrita em linguagem galega, dizia:

«Paquito Gonzales, hermanito de mi vida: deja la manta e la vara, mete-te nel tren-via e vente para Lisbona a trabajar comigo. La tierra és boina, la xente non és mala, la água és de ellos e nós vendemosla».

Isto já se passou há muitos anos e por isso pode ser que algum dos termos da carta não corresponda ao verdadeiro dialeto galaico, ou por mal lembrado por mim ou por mal escrito pelo autor. E, não valendo a pena dar-me ao trabalho de lhe fazer a devida correcção, traduzo-a para Português, de modo que todos os leitores portugueses a compreendam. É assim:

«Francisquito Gonzales, irmãozito da minha vida: Deixa a manta e a vara (de pastor), mete-te no combóio e vem para Lisboa trabalhar comigo. A terra é boa, a gente não é má, a água é deles e nós vendemos-lha».

A INGENTE TAREFA MUNICIPAL

Continuamos a dar à estampa o relato feito à Imprensa pelo ilustre Presidente da Câmara Municipal de Aveiro. Concluída a exposição relativa ao Plano Director da Cidade, o tema hoje versado, também de muita importância, diz respeito ao

MATADOURO DE AVEIRO

6 Outro problema que muito tem preocupado o Município é o problema que se refere ao Matadouro de Aveiro.

Como se sabe, Aveiro, apesar de ter uma população de perto de 20 000 pessoas, não dispõe de instalações capazes para, e sob o ponto de vista higio-sanitário, abater as reses destinadas ao fornecimento de carne para o consumo público.

Essa actividade vem a ser exercida num barracão sem quaisquer condições, sem ligações de esgotos, de despejos directos no Canal Central, e, portanto, em condições absolutamente deploráveis.

O problema não passou despercebido às anteriores administrações, que intentaram dar-lhe solução adequada e condizente com a categoria da cidade.

Assim, adquiriram o terreno destinado à instalação do matadouro e procuraram a realização do respectivo projecto.

Quando assumi a presidência do Município, encontrei este problema lançado para a sua total resolução, pois a Câmara dispunha já de um terreno e estava a ser terminado um projecto.

O projecto foi concluído e enviado às entidades superiores, para aprovação; e, depois de apreciado pela Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização e pela Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, foi para o Conselho Superior de Obras Públicas, que emitiu parecer favorável, e sobre o qual o sr. Ministro das Obras Públicas lançou despacho conducente à imediata construção do matadouro, por reconhecer que as actuais instalações não poderiam, de maneira nenhuma, continuar a exercer a sua função.

Simplesmente, nessa altura, e por orientação do Governo, foi constituída uma Comissão destinada a estudar a reorganização da indústria do abate em Portugal.

E quanto o projecto, já com a aprovação do sr. Ministro das Obras Públicas, foi submetido, através da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, à aprovação do sr. Subsecretário do Estado da Agricultura, este membro do Governo entendeu que, estando nomeada a Comissão de Inquérito ministerial para estudar o problema dos matadouros, não era aconselhável autorizar a construção do Matadouro de Aveiro sem se saber o resultado do estudo dessa Comissão.

As «démarches» realizadas nessa altura pela Câmara não puderam, portanto, ser coroadas de êxito visto que se entendia, com certa lógica, que o Matadouro de Aveiro devia aguardar os estudos dessa Comissão.

Entretanto, a Câmara prosseguiu nas suas diligências e obteve o empréstimo de 4 000 contos destinado à construção do matadouro.

Portanto, a partir desse momento, a Câmara já dispunha de projecto aprovado, do terreno e do empréstimo para a construção.

Faltava-lhe, apenas, autorização para o construir.

Em fins de 1963, e a pedido da Câmara, a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização informou, por ofício, que tendo conhecimento das conclusões dos estudos levados a efeito pela Comissão Reorganizadora da Indústria do Abate, resolveu, em princípio, a concentração num matadouro único, a localizar no concelho de Aveiro, dos abates correspondentes aos três concelhos de Aveiro, Ílhavo e Vagos.

Tal matadouro deverá arrancar com uma laboração de 1 150 toneladas anuais, uma vez que nele se concentram todos os abates de reses actualmente feitos dentro e fora dos matadouros e destinados ao consumo público.

Com base neste movimento actual, será normalmente de prever para o matadouro a construir uma capacidade de 2 900 toneladas anuais.

Nestas condições, dado ser a zona de Aveiro uma das que maior desenvolvimento e melhoria das condições de vida virá pròvàvelmente a usufruir num futuro próximo, não se afigura exagero grave a consideração de 3 300 toneladas anuais que o projecto da Câmara Municipal prevê.

Parecia, portanto, que o problema estava pràticamente resolvido. O autor do projecto do Matadouro de Aveiro previa uma utilização de 3 300 toneladas anuais; e a capacidade prevista pela Comissão Reorganizadora da Indústria do Abate, para os três concelhos que o Matadouro ia servir, era da ordem das 2 900 toneladas. Tínhamos, portanto, uma margem de 400 toneladas anuais.

Com base nestes números, a Câmara expôs o assunto ao sr. Secretário de Estado da Agricultura e pediu que lhe fosse concedida autorização para imediatamente poder começar a construir o seu matadouro.

Entretanto, pelo Ministério das Obras Públicas foi escalonada e estabelecida a comparticipação para a construção do matadouro, tendo sido atribuídos 1 073 contos de comparticipação.

Apesar das diligências efectuades até hoje, neste momento a Câmara Municipal de Aveiro ainda não está habilitada a proceder à construção do matadouro, porque no Ministério da Economia se entende que, apesar dos números apurados pela Comissão Reorganizadora da Indústria do Abate, ainda não é oportuno autorizar a construção deste matadouro sem a realização de um estudo complementar, que está a decorrer presentemente.

Consideramos este assunto como um dos problemas fundamentais, que urge resolver para bem da cidade; e porque entendemos que é da maior importância julgámos indispensável dar conhecimento público das diligências feitas e da sua posição actual.

A CIDADE

Museu de Aveiro

★ No último sábado, o Director do nosso Museu, sr. Dr. António Manuel Gonçalves, participou no III Colóquio Portuense de Arqueologia, cujos trabalhos se efectuaram, todo esse dia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O sr. Dr. António Manuel Gonçalves, como anunciava a agenda da reunião, presidiu à sessão única da II Secção, subordinada ao tema de *Museologia Arqueológica*, realizada ao fim da tarde, tendo lido uma breve introdução acerca da *Importância do Museu na Cultura Contemporânea*.

No decorrer deste III Colóquio, foi distribuído o tomo das *Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia*, que constitui o vol. III de *Lucerna*, revista de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos (anexo à Universidape do Porto). O estudo que enche as últimas páginas do denso volume é a evocação *Alberto Souto e o Museu de Aveiro*, que o Dr. António Manuel Gonçalves leu na referida reunião científica, a 19 de Maio de 1962 e de que o «Litoral» publicou, oportunamente, um expressivo excerto — e agora foi editada em elegante separata por este nosso ilustre colaborador.

★ Na semana finda, deram entrada na ala nova do Museu e estão assentes nos locais previstos: a vitrina de pequenas esculturas aveirenses, de barro policromado, na Sala III de *Arte Sacra Barroca*, e a vitrina e o escaparate da *Secção de Arqueologia Distrital* da GALERIA DE AVEIRO.

Estes móveis, planeados pelo Director do Museu, foram construídos na Oficina de Marcenaria do Museu Nacional de Arte Antiga, chefiada por Mestre Adriano Duarte Nunes. São as primeiras peças de mobiliário executadas por conta da doação pertinente e generosa da Fundação Colouste Gulbenkian ao Museu de Aveiro.

Festa Escolar Infantil

Sob a presidência do sr. Subscretário de Estado da Educação Nacional, realiza-se amanhã, em Aveiro, uma festa escolar infantil, promovida pelo Governo Civil de Aveiro, com a colaboração da Direcção do Distrito Escolar e da Mocidade Portuguesa.

A esta simpática festa, que reunirá cerca de 1 300 crianças de todo o Distrito, assistirão ainda os srs. Comissário Nacional da M. P. e Director-Geral do Ensino Primário, além de outras entidades oficiais.

O programa geral da festiva reunião é o seguinte:

Às 10.30 h. — Concentração, no Rossio. *Às 10.45 h.* — Missa Campal. *Às 11.10 h.* — Início de visitas aos pontos mais pitorescos da cidade. *Às 12 h.* — Distribuição de merenda às crianças. *Às 13.15 h.* — Concentração das crianças para o desfile, no Rossio. *Às 13.40 h.* — Início do desfile, do Rossio para o Parque da cidade. *Às 14.30 h.* — Início das actividades artísticas, com a apresentação de representações de escolas dos dezanove concelhos do Distrito de Aveiro.

Quem Perdeu?

No mês de Maio último, foram encontrados na via pública e acham-se depositados na Secretaria do Comando da P. S. P. de Aveiro os seguintes valores e objectos que se entregam a quem provar que os mesmos lhe pertencem:

Um porta-moedas com dinheiro; uma esferográfica; duas chaves; uma esferográfica; uma pulseira em prata; um estojo com vários artigos escolares; um tubo em papelão com vários desenhos; uma esferográfica; um relógio de pulso, de homem; e uma chave de trinco.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	MODERNA
Domingo . . .	A L A
2.ª feira . . .	M. CALADO
3.ª feira . . .	AVENIDA
4.ª feira . . .	S A U D E
5.ª feira . . .	OUDINOT
6.ª feira . . .	N E T O

Cine-Clube

Na próxima sexta-feira, dia 12, no Teatro Aveirense, realiza-se mais uma sessão promovida pelo Cine-Clube de Aveiro.

Exibe-se o filme sueco «O Rosto», que inaugurará o *Ciclo Ingmar Bergman* previsto para o corrente mês.

O 40.º Aniversário de «A Caldeirada»

Como oportunamente nestas colunas noticiámos, vai celebrar-se amanhã o 40.º aniversário das primeiras representações da revista-regional «A Caldeirada», levada à cena pelo prestigioso Grupo Cénico do Clube dos Galitos.

O programa comemorativo inclui os seguintes números:

A's 9 horas — na Sede do Clube, concentração dos elementos do Grupo Cénico.

A's 9.30 horas — na igreja da Misericórdia, missa por alma dos componentes falecidos, com a colaboração da «Capela» da Banda da Amizade, seguida de romagem de saudade aos cemitérios da cidade e do Outeirinho, em Verdemilho.

Após a romagem, no edifício da futura sede do Clube dos Galitos, será inaugurada uma Exposição Documentária sobre «A Caldeirada».

A's 12.15 horas — no Restaurante Galo d'Ouro, almoço de confraternização.

Serviços Médico-Sociais

Federação de Caixa de Previdência

AVISO

Concurso Médico

Está aberto concurso documental de provimento por 30 dias, com início em 1 de Junho de 1964 para médicos da especialidade de OTORRINOLARINGOLOGIA do Posto Clínico n.º 50 (Aveiro), devendo a documentação ser entregue na Delegação da Zona Centro — Rua Antero de Quental, 180 e 184 — Coimbra, ou na Sede da Federação — Avenida Manuel da Maia, 58-2.º-Esq.º Lisboa, até às 18 horas do dia 30 de Junho de 1964.

As condições de admissão encontram-se patentes naquela Delegação, bem como na Sede da Federação e no Posto aludido.

Lisboa, 25 de Maio de 1964.

A DIRECÇÃO

A CIDADE

Operação «Stop» em Aveiro

A P. S. P. de Aveiro realizou uma operação «Stop», desde as 22 horas do dia 23 até à madrugada do dia 24 do mês findo, tendo montado cinco postos de controle em diversos pontos da cidade, onde foram fiscalizados 394 veículos automóveis e 221 velocípedes.

A operação decorreu com toda a normalidade, tendo sido elaborados nove autos de transgressão por infracções verificadas:

três por falta de apresentação de carta de velocípede; dois por falta de apresentação de livrete de velocípede; um por falta de apresentação de livrete de automóvel; dois por falta de carta de velocípede; e um outro por excesso de lotação em velocípede.

Novo Estabelecimento

No dia 26 de Maio findo, abriu, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, um modernissimo estabelecimento, a «Sapataria Lácio», propriedade da firma *Maia & Portugal, Lda.*

Trata-se do mais moderno estabelecimento do ramo na cidade; mas deve dizer-se que primaria em qualquer grande capital.

Sóbrio, elegantíssimo, funcional, decorado a primor pelo Arq.to Estrela Santos e com escolhido mobiliário da conceituada casa *Casimiro da Silva & F.os, L.da*, a «Sapataria Lácio» honra sobremaneira o comércio aveirense.

Oxalá que os seus proprietários vejam compensados os esforços e gastos dispendidos.

«Dia de Portugal»

Na próxima quarta-feira, 10, «Dia de Portugal», vão realizar-se, nas sedes das Regiões Militares da Metrópole, expressivas cerimónias de homenagem e consagração públicas dos militares que, pelo seu esforço, coragem e espírito de sacrifício mais se destacaram no último ano, em Angola e na Guiné, na defesa dos territórios nacionais e das respectivas populações.

Serão condecorados diversos oficiais e soldados aveirenses: no Porto (I Região Militar), o soldado n.º 1049/60, Fernando Vieira de Almeida, natural de Aveiro; e em Tomar (II Região Militar), o 1.º Cabo 722/60 João Rodrigues Pinho, do R. I. 10, natural de Estarreja, receberá a «Cruz de Guerra de 4.ª classe»; o 1.º Cabo 2825/61 Francisco da Silva Matos, do B. C. 5, também natural de Estarreja, receberá a «Medalha de valor militar com Palma» (cobre); e o Major de Infantaria António Maria Gonçalves Soares, actualmente colocado no R. I. 10, receberá a «Medalha de Serviços Distintos com Palma» (prata).

O Prof. Lagoa Henriques em Aveiro

O Escultor António Lagoa Henriques, ilustre Professor da Cadeira de Desenho da Escola Superior de Belas Artes do Porto, veio na segunda-feira ao Clube dos Galitos, a convite do Cine Clube de Aveiro, proferir uma interessante conferência sobre o tema *A Escultura e o Cinema*.

A' sessão, que foi ilustrada com o filme *Les Grisants* (cedido pelo Instituto Francês de Lisboa), presidiu o sr. Dr. António Manuel Gonçalves, Director do Museu de Aveiro, ladeado pelos srs. Escultor Mário Truta, Professor da Escola Comercial de Aveiro, e Amadeu de Sousa, do Pelouro Cultural do Clube dos Galitos.

O sr. Dr. António Manuel Gonçalves, que apresentou o conferente nesta magnífica sessão cultural, teve ocasião de acolher e guiar o Prof. Lagoa Henriques no Museu de Aveiro, na demorada e interessadíssima visita que o mesmo ali efectuou na manhã de terça-feira.

Câmara Municipal de Aveiro

Regulamento de Abertura e Encerramento dos Estabelecimentos do Concelho de Aveiro

AVISO

Tendo sido publicado, em 5 de Maio corrente o Edital, pondo em vigor o novo Regulamento de Abertura e Encerramento dos Estabelecimentos do Concelho de Aveiro e figurando nele algumas disposições com redacção inexacta, a Câmara Municipal deste concelho, em reunião de 18 do mesmo mês de Maio deliberou mandar rectificar as mesmas, nos seguintes termos:

«Artigo 3.º...

§ 5.º — Os estabelecimentos que abrirem ao sábado de tarde e ao domingo não podem vender quaisquer artigos que, por sua natureza, façam parte dos ramos de comércio dos que encerram nesses dias;

Artigo 5.º...

§ único — Exceptuam-se desta disposição, além dos estabelecimentos mencionados nos § § primeiro, segundo e sexto do art.º 3.º, as mercearias de venda a retalho e os barbeiros».

O referido Regulamento foi aprovado pelo Conselho Municipal em sua Sessão extraordinária de 26 de Maio de 1964.

Paços do Concelho de Aveiro, 29 de Maio de 1964.

O Presidente da Câmara,

Henrique de Mascarenhas

Eng.º Agr.º

O REGIME DE FIM DE SEMANA

Entra hoje em vigor o «Regulamento de Abertura e Encerramento dos Estabelecimentos do Concelho de Aveiro», oportunamente tornado público por Edital camarário de 5 de Maio findo.

Assim, na sua generalidade, e com excepção de certos ramos expressamente contemplados pelo aludido Regulamento, o comércio local passa a encerrar às 13 horas dos sábados, instituindo-se o regime da vulgarmente chamada «semana inglesa».

A medida adoptada, inteiramente justa, parece-nos, contudo, prematura, na medida em que desatende os legítimos interesses do comércio concelhio, a braços agora com a concorrência dos mercados vizinhos, e muito próximos, aos quais idêntica medida não foi ainda imposta.

Tencionamos demonstrá-lo nestas colunas.

Por ora, limitamo-nos a publicar, como nos é pedido, a seguinte carta:

Aveiro, 2 de Junho de 1964.

Ex.mo Senhor
Director do «Litoral»
Aveiro

Ex.mo Senhor:

O signatário, por si e em nome das muitas dezenas de comerciantes da praça de Aveiro que subscreveram uma petição, dirigida, em 7 de Maio findo, à Ex.ma Direcção do Grémio do Comércio e referente ao regime, já fixado, da «semana inglesa», vem, muito respeitosamente, solicitar a V. Ex.ª se digne dar publicidade ao seguinte:

a) — *Na sua generalidade os referidos comerciantes manifestaram-se, na aludida petição, partidários do regime agora imposto; sòmente,*

b) — *entendiam, e entendem, que tal regime não seria de adoptar enquanto não fosse igualmente estabelecido, se não ao nível nacional, pelo menos nas zonas comerciais limítrofes, particularmente em toda a área sob jurisdição do Grémio do Comércio do Concelho de Aveiro; isto porque*

c) — *doutra forma se estabelece, como é evidente, uma perniciosa concorrência.*

Sendo assim, pediam que

1. *se sobreestasse nas então anunciadas medidas quanto ao regime de fim-de-semana;*

2. *se convocasse uma reunião, no Grémio do Comércio para apreciar amplamente, e ao vivo, o problema; e*

3. *que fosse transmitido às entidades interessadas o que do debate resultasse.*

Os signatários não lograram deferimento ao que solicitaram: em ofício de 29 de Maio, dirigido ao primeiro signatário da petição, o Ex.mo Presidente do Grémio do Comércio alega motivos cuja inanidade seria inútil apreciar neste momento; mas anuncia o início das diligências no sentido de se alargarem, para breve e ao âmbito distrital, as medidas decretadas para o concelho de Aveiro.

Facto consumado, assim, o do estabelecimento do regime de fim-de-semana para este concelho — nos termos do Regulamento que o Município trouxe a lume em Edital —, há que aguardar que se concretizem os propósitos anunciados; até lá, permanecem, contudo, inteiramente válidas as razões aduzidas na petição a que se aludiu, patenteando-se prematuro, portanto, o regime estabelecido para uma pequena área da jurisdição do Grémio.

Entretanto, começa a tomar corpo a atoarda de que os signatários da dita petição são contrários ao regime de fim-de-semana; e ainda — o que é gravíssimo — afirmou-se que alguns dos signatários teriam sido iludidos na sua boa-fé quando assinaram a mesma petição.

Importa desfazer a insídia:

A — *os signatários da petição nela afirmam, reiteradamente, a sua plena concordância com o regime da chamada «semana inglesa»; sòmente o pretendem alargado de modo a não sofrerem prejuizos nos seus legítimos interesses;*

B — *todos os signatários da petição a assinaram em plena ciência e consciência do seu teor.*

Agradecendo antecipadamente o acolhimento que V. Ex.ª queira dispensar ao presente assunto, e com os melhores cumprimentos, confessa-se,

de V. Ex.ª

respeitosamente

pelos signatários da petição dirigida ao Grémio do Comércio, o também signatário e comerciante,

a) **Alberto Lopes Antão**

FORÇA AÉREA

Base ... n.º 7

Fornecimento de Géneros

Faz-se ... o que se encontra a... concurso até 22 de J... para fornecimento de ...eros: Mercearia, Pão, ...nes, Peixe e Azeites.

Os conc...tes deverão enviar a este ...selho Administrativo, ...rta fechada e lacrada, ... 15 horas do dia ind..., propostas dos referidos ...eros.

O fornec...o terá início em 1 de J... e terminará em 30 de S...ro de 1964.

Os conc...tes terão de depositar ... Conselho Administrati... no acto da entrega da ...sta e como caução, a ...rtância de 500$00 (Qui...os escudos), que levanta...aso não lhe seja adjudic... qualquer fornecimento.

O cader... de encargos encontra-se ...ente neste Conselho A...strativo, todos os dias..., das 9 às 16 horas, exc... aos sábados.

Base em ... Jacinto, 3 de Junho de 19...

O Chefe ...ntabilidade,

Mário Gui... Folhadela ...es

Ten. ... I. C.

DESPORTOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

REMO

CAMPEONATO NACIONAL DE FUNDO

Como aqui anunciámos, realizou-se no domingo, no Porto, o Campeonato Nacional de Fundo — competição que se não efectuava há mais de 30 anos e agora voltou, louvàvelmente, a ser incluído no calendário federativo.

O remo nacional viveu um momento de alta euforia, pois as regatas concitaram o interesse de alguns milhares de espectadores, que seguiram e aplaudiram os remadores ao longo dos 5000 metros do percurso, utilizando diversos meios de transporte.

Depois, será ainda de relevar a presença de elevado número de equipas — quinze — representando nove clubes (C. U. F., Ginásio Figueirense, Fluvial e Sport concorreram em «yolles» e em «shell»), circunstância que veio emprestar enorme emoção às regatas e tornar a jornada de domingo um autêntico êxito desportivo. Está de parabéns o remo português. E estão ainda de parabéns os dirigentes dos prestigiosos Fluvial Portuense e Sport Clube do Porto que organizaram estes campeonatos, por incumbência da Federação Portuguesa do Remo.

As tripulações do Grupo Desportivo da C. U. F. estiveram em grande evidência, ganhando, com brilho, as duas provas, após lutas renhidas e empolgantes com os clubes da Figueira da Foz («yolles») e com o Caminhense («shell»).

Apuraram-se os seguintes resultados:

YOLLES

1.º - C. U. F.; 2.º - Naval 1.º de Maio; 3.º - Ginásio Figueirense; 4.º - Sport; 5.º - Náutico de Viana; 6.º - Fluvial; 7.º - Ferroviário.

SHELL

1.º - C. U. F.; 2.º - Caminhense; 3.º - Ginásio Figueirense; 4.º - Fluvial; 5.º - Galitos; 6.º - Sport.

FUTEBOL

Taça Ribeiro dos Reis

Resultados da 2.ª jornada:

Grupo I

Feirense - Espinho	2 - 1
Boavista - Leça	3 - 4
Leixões - Vianense	3 - 0
Famalicão - Braga	0 - 2

Grupo II

Lusitano - Covilhã	1 - 3
Peniche - Académica . . .	2 - 1
Marinhense - Oliveirense . .	2 - 2
Beira-Mar - Sanjoanense . .	2 - 2

Jogos para amanhã:

Vianense - Feirense
Espinho - Leça
Braga - Leixões
Boavista - Famalicão
Oliveirense - Lusitano
Covilhã - Académica
Sanjoanense - Marinhense
Peniche - Beira-Mar

Beira-Mar, 2 - Sanjoanense, 2

Jogo no Estádio de Mário Duarte, ante diminuta assistência, sob arbitragem do sr. João Pinto Ferreira, do Porto.

As equipas formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Rocha; Girão, Liberal e Evaristo; Brandão e Pinho; Miguel, Diego, Calisto, Fernando e José Manuel.

SANJOANENSE — Sardinha; Carlos, Augusto e Almeida; Ivan e Oliveira; Bauer, Vasco, Lima, Macedo e Castro.

Defendendo-se com aplicação e empenho, e explorando o contra-ataque com rara felicidade, os sanjoanenses puderam por duas vezes recuperar o atraso na contagem, contrariando o ascendente do seu antagonista e construindo um resultado que é sumamente lisonjeiro para o seu trabalho.

Os beiramarenses mereciam a vitória, já que foram mais incisivos e mais dominadores, efectuando alguns ataques de excelente recorte. Todavia, a finalização foi deficiente (Miguel desperdiçou mesmo um *penalty*, aos 55 m., enviando a bola contra um poste e tentando depois ele próprio efectuar a recarga) — e o resultado viria a ressentir-se, na defensiva, da falta de uma unidade, pois Pinho lesionou-se e, a *back* esquerdo, não conseguiu cumprir, o mesmo vindo a suceder ao seu substituto (Calisto), na fase derradeira do desafio.

De resto, a partida foi bastante correcta mas muito modesta, no que respeita ao *association* produzido. O tempo, de facto, já de é para «futebois» em torneios de reduzido ou nulo interesse como o presente, nesta altura da época...

Arbitragem displicente e algo descuidada, que perdoou dois *penalties* à turma de S. João da Madeira — por faltas de Augusto (aos 70 m.) e de Sardinha (aos 88 m.), ambas sobre Diego.

MARCADORES — Pelo Beira-Mar: *Fernando*, aos 14 m., e *Diego*, aos 65 m.; e, pela Sanjoanense, *Bauer*, aos 32 m., e *Vasco*, aos 76 m.

PROVAS NACIONAIS

★ **III Divisão**

Na Zona Norte, realizou-se apenas um jogo das meias finais. Em Viseu, o Académico derrotou por 3-2 o União de Lamas.

Amanhã, no Campo do Carrascal, os dois grupos voltam a defrontar-se; e se os lamacenses lograrem triunfar por mais de um golo, passarão desde logo à II Divisão Nacional.

A outra partida das meias-finais não se realizou, pois desconhece-se ainda qual será o adversário (Vila Real ou Gil Vicente?) do Tirsense.

★ **Juniores**

Resultados da 8.ª jornada:

Sanjoanense - Salgueiros . .	5-0
Lamas - Vilanovense . . .	3-2
Varzim - Vianense	6-1
Leixões - Lousanense . . .	6-2
Porto - Académica	5-1
Anadia - Alba	3-0

Resultados da 9.ª jornada:

Varzim - Sanjoanense	0-1
Salgueiros - Lamas	7-0
Vianense - Vilanovense . . .	0-1
Anadia - Leixões	3-1
Lousanense - Porto	8-2
Alba - Académica	1-1

● *Classificações:*

2.ª SÉRIE — Sanjoanense, 14 pontos; Varzim, 12; Salgueiros, 10; Lamas, 9; Vilanovense, 5; Vianense, 4.

3.ª SÉRIE — Porto, 17 pontos; Anadia, 12; Alba, 11; Leixões, 7; Académica, 4; Lousanense, 3.

★ **Principiantes**

Nas partidas da segunda «mão» dos quartos de final da Taça Nacional, apuraram-se os seguintes resultados:

Zona Norte

Leixões - Porto	3-2
Académica - Beira-Mar	7-0

Zona Sul

Benfica - Torres Novas	12-0
Sporting - Lusitano	7-1

Mercê destes desfechos, Leixões, Académica, Benfica e Sporting qualificaram-se para as meias-finais. Os matosinhenses, tal como os dois grupos lisboetas, lograram duas vitórias, ao passo que a Académica, amplamente derrotada em Aveiro (1-5) logrou recuperar o atraso, de forma deveras sensacional.

Académica, 7 - Beira-Mar, 0

Jogo no Estádio Municipal de Coimbra, sob arbitragem do sr. Clemente Henriques, do Porto.

As equipas formaram deste modo:

Académica — Costa Pereira; Sobral, Barbosa e Marques; Almeida e Pombalinho; Freitas, Pestana, Franklim, Martins e Vítor.

Beira-Mar — David (Bastos); Valente, Loura e Rafael; Ramiro e Costa; Gamelas, Aires, Limas, Ernesto e Fausto (Ricardo).

Ao intervalo: 2-0, golos de *Almeida* (18 m.) e *Martins* (20 m.).

Após o descanso, os estudantes fizeram mais cinco golos — por intermédio de *Pestana* (40, 47 e 69 m.), *Freitas* (45 m.) e *Martins* (60 m.).

Aferrados, teimosamente, numa toada defensiva pouco aconselhável, e adaptando-se mal à relva, os beiramarenses deram imensos trunfos aos seus adversários e ditaram, de certo modo, a sua inglória eliminação.

Ante as facilidades com que depararam, os estudantes vislumbraram a possibilidade de superarem o atraso de quatro golos do jogo de Aveiro; e, não se fazendo rogados, actuaram com empenho e muito acerto, logrando um *score* de todo imprevisto, mas merecido.

SUMÁRIO DISTRITAL

II Divisão

Resultados da 9.ª jornada:

Valonguense - Oliv. do Bairro	0-0
V. Alegre - Mealhada	4-1

Classificação actual:

1.º - S. João de Ver, 7 j., 16 pontos (14-8); 2.º - Vista-Alegre, 6 j., 14 (16-7); 3.º - Oliveira do Bairro, 7 j., 14 (10-12); 4.º - Mealhada, 7 j., 14 (13-17); 5.º - Valonguense, 7 j., 10 (5-14).

PROVAS DA F. N. A. T.

CAMPEONATO DISTRITAL DE PESCA DO MAR

Numa organização da Delegação do I. N. T. P., e sob a orientação da F. N. A. T., realizaram-se nos dias 28 e 31 do mês transacto, no Molhe Norte da Barra, as duas provas que constam do Regulamento do Campeonato Distrital, na modalidade de pesca de Mar.

Foi esta, que saibamos, a primeira vez que, no progressivo Distrito de Aveiro, se disputou um campeonato distrital integrado na organização geral da F. N. A. T. (Pelouro de Actividade Educativa e Recreativa).

Desta maneira, está-se no limiar da tão desejada e tão necessária criação duma Delegação daquela Fundação neste Distrito, a exemplo do que acontece já no Porto, em Coimbra, etc..

Ao importante assunto, os dirigentes da Delegaçao do I. N. T. P. em Aveiro têm dedicado grande interesse e inexcedível entusiasmo e fé, com os olhos postos nos elevados benefício de várias ordem (culturais, desportivos e recreativos) que poderão advir para todos os trabalhadores deste Distrito, em consequência da solução desejada e, pelos vistos, excelentemente encaminhada.

«O elemento fundamental para as grandes iniciativas, (como esta) é o entusiasmo e a fé nos homens. É esse entusiasmo e essa fé que se encontram na base das grandes realizações». E é esse entusiasmo e essa fé que não queremos deixar de enaltecer, pelo mais elementar espírito de justiça, nas pessoas dos srs. Delegado e Subdelegado do I. N. T. P. em Aveiro.

Voltando ao concurso, em que participaram 49 pescadores, (entre os quais uma senhora, o que é de louvar) não só em representação individual mas também em representação dos Centros de Alegria no Trabalho (C. A. T.) do Pessoal da Celulose, Fábrica Aleluia, Caixa de Previdência de Aveiro e Minas do Pejão, deve-se colocar em plano destacado a excelente organização do mesmo, tanto mais de destacar quanto é certo tratar-se duma prova de difícil organização, e, neste caso especial, duma prova que foi montada pela primeira vez.

Apenas as más condições climatéricas conseguiram ofuscar o brilho desta realizaçõo impedindo que o esforço e dedicação dos pescadores tal como o entusiasmo dos organizadores, fosse devidamente compensado.

Falemos agora das classificações finais:

Classificação individual:

1.º - Carlos Varela, F. Aleluia, 2000 valores; 2.º - José Guedes da Silva, F. Aleluia, 498,26; 3.º - Carlos Prazeres, F. Aleluia, 387,75; 4.º - Esequiel Arteiro, Celulose, 356,07; 5.º - Gaspar dos Santos, Celulose, 285,71; 6.º - Mário de Moura de Melo, Celulose, 251,59; 7.º - José dos Santos, Celulose, 238,80; 8.º - Maria de Lourdes Santos, individual, 197,37; 9.º - Adriano Pires, Celulose, 165,67; 10.º - Renato Boto, Caixa de Previdência, 164,17; 11.º - Mário Pitarma, F. Aleluia, 157,89; 12.º - Manuel Neves, F. Aleluia, 135,52; 13.º - Carlos Neiva, F. Aleluia, 81,57; 14.º - José F. Figueiredo, Celulose, 80,26; 15.º - Lourenço Ravara, F. Aleluia, 63,96; 16.º - Abílio Vilaça, Caixa de Previdência, 61,84; 17.º - Américo Peralta, Celulose, 26,31; e 19.º - Miguel Sampaio, 22,36.

Em face do disposto no Regulamento da Pesca ficaram apurados para a final do Campeonato Nacional a disputar em Outubro, em Sagres, 20 % dos participantes, ou seja, neste caso, os 10 primeiros classificados (3 pescadores da Fábrica Aleluia, 5 da Companhia Portuguesa de Celulose, 1 da Caixa de Previdência e uma concorrente individual).

Classificação colectiva:

Em virtude de não haver quatro equipas classificadas, e de acordo com o que se estabelece no Regulamento da Pesca, não houve classificação colectiva.

Lúcio Lemos

XADREZ de NOTÍCIAS

No dia 14, devem realizar-se na pista do Rio Novo do Príncipe as primeiras regatas de selecção com vista aos Campeonatos da Europa e aos Jogos Olímpicos de Tóquio. Competirão tripulações de «Double-Shell», «Shell de 2» e «Shell de 4».

Com a participação de atiradores portugueses e espanhóis, efectua-se no próximo dia 21, no Fundão, o II Grande Torneio de Tiro aos Pratos e aos Pombos da Beira-Baixa, *cuja receita reverte a favor da Santa Casa da Misericórdia daquela vila.*

No domingo, a contar para o Torneio de Encerramento da A. F. A., *o Bustelo venceu o Estarreja por 7-3.*

O número inaugural do programa das comemorações do 20.º aniversário do Estarreja realiza-se no dia 14, em organização da nóvel Secção de Ciclismo daquela simpática colectividade.

Trata-se de uma gincana de velocípedes com motor.

A contar para a Taça de Portugal, em basquetebol, o Educação Física derrotou o Sporting Figueirense por 36-34, num jogo realizado em Aveiro na manhã do último domingo. Em Gaia, na quarta-feira, defrontaram-se Académico e Sanjoanense, concluindo a partida com a vitória da Sanjoanense, por 31-28.

O Galitos, isento por sorteio da segunda eliminatória, joga agora com a Sanjoanense, enquanto o Educação Física defrontará o Vasco da Gama. Os vascaínos deveriam jogar com o F. C. Porto; mas como os portistas alinharam com um estrangeiro (o seu treinador-jogador Rubens) no desafio em que venceram o Covilhã por 127-14, contrariando o estabelecido nos regulamentos da Taça, foram eliminados da prova...

Hoje, inicia-se o Campeonato Nacional de Andebol de Sete, que reune este ano o maior número de concorrentes de sempre, em «poule» única: doze, sendo dois de cada uma das seis associações regionais.

Teremos em prova: de Aveiro — *Paramos e Atlético Vareiro;* de Coimbra — *Académica e Celas;* de Lisboa — *Sporting e Almada;* do Porto — *F. C. do Porto e Salgueiros;* de Setúbal — *Vitória e Naval Setubalense;* e de Viseu — *Viseu e Benfica e Abraveses.*

Em S. João da Madeira, no domingo, o Leça venceu o Amoníaco por 35-31, na final nortenha do Campeonato Nacional da III Divisão, em basquetebol.

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 39 DO TOTOBOLA ★

14 de Junho de 1964

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Belenenses — Setúbal	1		
2	C. U. F. — Porto			2
3	Feirense — Braga		x	
4	Leça — Vianense	1		
5	Espinho — Boavista	1		
6	Vildemoinh.-Sanjoane.	1		
7	Covilhã — Peniche	1		
8	Marinhen. — Beira-Mar			2
9	Atlético — Benfica (R)			2
10	Beja — Olhanense			2
11	Lusitano V. R.-Portimo.	1		
12	C. Piedade - Barreiren	1		
13	Sp. Lobito-Sp. Moçâm.	1		

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	MODERNA
Domingo . . .	A L A
2.ª feira . . .	M. CALADO
3.ª feira . . .	AVENIDA
4.ª feira . . .	S A U D E
5.ª feira . . .	OUDINOT
6.ª feira . . .	N E T O

Cine-Clube

Na próxima sexta-feira, dia 12, no Teatro Aveirense, realiza-se mais uma sessão promovida pelo Cine-Clube de Aveiro.

Exibe-se o filme sueco «O Rosto», que inaugurará o *Ciclo Ingmar Bergman* previsto para o corrente mês.

O 40.º Aniversário de «A Caldeirada»

Como oportunamente nestas colunas noticiámos, vai celebrar-se amanhã o 40.º aniversário das primeiras representações da revista-regional «A Caldeirada», levada à cena pelo prestigioso Grupo Cénico do Clube dos Galitos.

O programa comemorativo inclui os seguintes números:

A's 9 horas — na Sede do Clube, concentração dos elementos do Grupo Cénico.

A's 9.30 horas — na igreja da Misericórdia, missa por alma dos componentes falecidos, com a colaboração da «Capela» da Banda da Amizade, seguida de romagem de saudade aos cemitérios da cidade e do Outeirinho, em Verdemilho.

Após a romagem, no edifício da futura sede do Clube dos Galitos, será inaugurada uma Exposição Documentária sobre «A Caldeirada».

A's 12.15 horas — no Restaurante Galo d'Ouro, almoço de confraternização.

Serviços Médico-Sociais
Federação de Caixa de Previdência

AVISO

Concurso Médico

Está aberto concurso documental de provimento por 30 dias, com início em 1 de Junho de 1964 para médicos da especialidade de OTORRINOLARINGOLOGIA do Posto Clínico n.º 50 (Aveiro), devendo a documentação ser entregue na Delegação da Zona Centro — Rua Antero de Quental, 180 e 184 — Coimbra, ou na Sede da Federação — Avenida Manuel da Maia, 58-2.º-Esq.º Lisboa, até às 18 horas do dia 30 de Junho de 1964.

As condições de admissão encontram-se patentes naquela Delegação, bem como na Sede da Federação e no Posto aludido.

Lisboa, 25 de Maio de 1964.

A DIRECÇÃO

Operação «Stop» em Aveiro

A P. S. P. de Aveiro realizou uma operação «Stop», desde as 22 horas do dia 23 até à madrugada do dia 24 do mês findo, tendo montado cinco postos de controle em diversos pontos da cidade, onde foram fiscalizados 394 veículos automóveis e 221 velocípedes.

A operação decorreu com toda a normalidade, tendo sido elaborados nove autos de transgressão por infracções verificadas:

três por falta de apresentação de carta de velocípede; dois por falta de apresentação de livrete de velocípede; um por falta de apresentação de livrete de automóvel; dois por falta de carta de velocípede; e um outro por excesso de lotação em velocípede.

Novo Estabelecimento

No dia 26 de Maio findo, abriu, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, um moderníssimo estabelecimento, a «Sapataria Lócio», propriedade da firma *Maia & Portugal, L.da*.

Trata-se do mais moderno estabelecimento do ramo na cidade; mas deve dizer-se que primaria em qualquer grande capital.

Sóbrio, elegantíssimo, funcional, decorado a primor pelo Arq.to Estrela Santos e com escolhido mobiliário da conceituada casa *Casimiro da Silva & F.os, L.da*, a «Sapataria Lócio» honra sobremaneira o comércio aveirense.

Oxalá que os seus proprietários vejam compensados os esforços e gastos dispendidos.

«Dia de Portugal»

Na próxima quarta-feira, 10, «Dia de Portugal», vão realizar-se, nas sedes das Regiões Militares da Metrópole, expressivas cerimónias de homenagem e consagração públicas dos militares que, pelo seu esforço, coragem e espírito de sacrifício mais se destacaram no último ano, em Angola e na Guiné, na defesa dos territórios nacionais e das respectivas populações.

Serão condecorados diversos oficiais e soldados aveirenses: no Porto (I Região Militar), o soldado n.º 1 049/60, Fernando Vieira de Almeida, natural de Aveiro; e em Tomar (II Região Militar), o 1.º Cabo 722/60 João Rodrigues Pinho, do R. I. 10, natural de Estarreja, receberá a «Cruz de Guerra de 4.ª classe»; o 1.º Cabo 2825/61 Francisco da Silva Matos, do B. C. 5, também natural de Estarreja, receberá a «Medalha de valor militar com Palma» (cobre); e o Major de Infantaria António Maria Gonçalves Soares, actualmente colocado no R. I. 10, receberá a «Medalha de Serviços Distintos com Palma» (prata).

O Prof. Lagoa Henriques em Aveiro

O Escultor António Lagoa Henriques, ilustre Professor da Cadeira de Desenho da Escola Superior de Belas Artes do Porto, veio na segunda-feira ao Clube dos Galitos, a convite do Cine Clube de Aveiro, proferir uma interessante conferência sobre o tema *A Escultura e o Cinema*.

A' sessão, que foi ilustrada com o filme *Les Grisants* (cedido pelo Instituto Francês de Lisboa), presidiu o sr. Dr. António Manuel Gonçalves, Director do Museu de Aveiro, ladeado pelos srs. Escultor Mário Truta, Professor da Escola Comercial de Aveiro, e Amadeu de Sousa, do Pelouro Cultural do Clube dos Galitos.

O sr. Dr. António Manuel Gonçalves, que apresentou o conferente nesta magnífica sessão cultural, teve ocasião de acolher e guiar o Prof. Lagoa Henriques no Museu de Aveiro, na demorada e interessadíssima visita que o mesmo ali efectuou na manhã de terça-feira.

EMPREGADO

Com o curso de serralheiro ou frequentando o mesmo, livre do serviço militar. Precisa a SMIDA — telf. 23713

EMPREGADA

Para escritório, precisa a SMIDA — telef. 23713

VENDEM-SE

Máquina de Filmar «Canon» Zoom, automática, de 8mm; Bar Oriental, com embutidos de madrepérola; Arca de cânfora; e carpete persa.

Escrever para esta Redacção ao n.º 225.

Câmara Municipal de Aveiro

Regulamento de Abertura e Encerramento dos Estabelecimentos do Concelho de Aveiro

AVISO

Tendo sido publicado, em 5 de Maio corrente o Edital, pondo em vigor o novo Regulamento de Abertura e Encerramento dos Estabelecimentos do Concelho de Aveiro e figurando nele algumas disposições com redacção inexacta, a Câmara Municipal deste concelho, em reunião de 18 do mesmo mês de Maio deliberou mandar rectificar as mesmas, nos seguintes termos:

«Artigo 3.º...

§ 5.º — Os estabelecimentos que abrirem ao sábado de tarde e ao domingo não podem vender quaisquer artigos que, por sua natureza, façam parte dos ramos de comércio dos que encerram nesses dias;

Artigo 5.º...

§ único — Exceptuam-se desta disposição, além dos estabelecimentos mencionados nos §§ primeiro, segundo e sexto do art.º 5.º, as mercearias de venda a retalho e os barbeiros».

O referido Regulamento foi aprovado pelo Conselho Municipal em sua Sessão extraordinária de 26 de Maio de 1964.

Paços do Concelho de Aveiro, 29 de Maio de 1964.

O Presidente da Câmara,
Henrique de Mascarenhas
Eng.º Agr.º

O REGIME DE FIM DE SEMANA

Entra hoje em vigor o «Regulamento de Abertura e Encerramento dos Estabelecimentos do Concelho de Aveiro», oportunamente tornado público por Edital camarário de 5 de Maio findo.

Assim, na sua generalidade, e com excepção de certos ramos expressamente contemplados pelo aludido Regulamento, o comércio local passa a encerrar às 13 horas dos sábados, instituindo-se o regime da vulgarmente chamada «semana inglesa».

A medida adoptada, inteiramente justa, parece-nos, contudo, prematura, na medida em que desatende os legítimos interesses do comércio concelhio, a braços agora com a concorrência dos mercados vizinhos, e muito próximos, aos quais idêntica medida não foi ainda imposta.

Tencionamos demonstrá-lo nestas colunas.

Por ora, limitamo-nos a publicar, como nos é pedido, a seguinte carta:

Aveiro, 2 de Junho de 1964.

Ex.mo Senhor
Director do «Litoral»
Aveiro

Ex.mo Senhor:

O signatário, por si e em nome das muitas dezenas de comerciantes da praça de Aveiro que subscreveram uma petição, dirigida, em 7 de Maio findo, à Ex.ma Direcção do Grémio do Comércio e referente ao regime, já fixado, da «semana inglesa», vem, muito respeitosamente, solicitar a V. Ex.ª se digne dar publicidade ao seguinte:

a) — Na sua generalidade os referidos comerciantes manifestaram-se, na aludida petição, partidários do regime agora imposto; sòmente,

b) — entendiam, e entendem, que tal regime não seria de adoptar enquanto não fosse igualmente estabelecido, se não ao nível nacional, pelo menos nas zonas comerciais limítrofes, particularmente em toda a área sob jurisdição do Grémio do Comércio do Concelho de Aveiro; isto porque

c) — doutra forma se estabelece, como é evidente, uma perniciosa concorrência.

Sendo assim, pediam que

1. se sobreestasse nas então anunciadas medidas quanto ao regime de fim-de-semana;

2. se convocasse uma reunião, no Grémio do Comércio para apreciar amplamente, e ao vivo, o problema; e

3. que fosse transmitido às entidades interessadas o que do debate resultasse.

Os signatários não lograram deferimento ao que solicitaram: em ofício de 29 de Maio, dirigido ao primeiro signatário da petição, o Ex.mo Presidente do Grémio do Comércio alega motivos cuja inanidade seria inútil apreciar neste momento; mas anuncia o início das diligências no sentido de se alargarem, para breve e ao âmbito distrital, as medidas decretadas para o concelho de Aveiro.

Facto consumado, assim, o do estabelecimento do regime de fim-de-semana para este concelho — nos termos do Regulamento que o Município trouxe a lume em Edital —, há que aguardar que se concretizem os propósitos anunciados; até lá, permanecem, contudo, inteiramente válidas as razões aduzidas na petição a que se aludiu, patenteando-se prematuro, portanto, o regime estabelecido para uma pequena área da jurisdição do Grémio.

Entretanto, começa a tomar corpo a atoarda de que os signatários da dita petição são contrários ao regime de fim-de-semana; e ainda — o que é gravíssimo — afirmou-se que alguns dos signatários teriam sido iludidos na sua boa-fé quando assinaram a mesma petição.

Importa desfazer a insídia:

A — os signatários da petição nela afirmam, reiteradamente, a sua plena concordância com o regime da chamada «semana inglesa»; sòmente o pretendem alargado de modo a não sofrerem prejuizos nos seus legítimos interesses;

B — todos os signatários da petição a assinaram em plena ciência e consciência do seu teor.

Agradecendo antecipadamente o acolhimento que V. Ex.ª queira dispensar ao presente assunto, e com os melhores cumprimentos, confessa-se,

de V. Ex.ª

respeitosamente

pelos signatários da petição dirigida ao Grémio do Comércio, o também signatário e comerciante,

a) **Alberto Lopes Antão**

Cartaz de Espectáculos

Teatro Aveirense

Vêr anúncio separado

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 6 — às 2[illegible] Um filme do [illegible] e apreciado Eddie Constan[illegible] com Christiane Minazzoli, R[illegible] Manuel, Stella Barral, Misha [illegible] Jacques Harden, Bernardette L[illegible] Dario Moreno — *F. B. I., Ag[illegible] Implacável.* Para maiores de 17 [illegible]

Domingo, 7 — ás [illegible] às 21.30 horas Uma magnífica produção italo-francesa, em T[illegible] e *Eastmancolor*, com H[illegible] Neff, Sergio Fantoni, Raoul [illegible] Giacomo Rossi Stuart, [illegible] Cavo, Ennio Balbo, Vera B[illegible] Enzo Fiermonte e Tina Lattanzi [illegible] *ina da Rússia.* Para maiores [illegible]

Terça-feira, 9 — [illegible] horas Um filme p[illegible] «suspense», com Laurent [illegible], Hildegarde Neff, Michel [illegible] Philippe Noiret — *O Homem [illegible] Preta.* Para maiores de 17 [illegible]

Quarta-feira, 10 — [illegible] e às 21.30 horas Um divertido [illegible] musical, em *Technicolor*, [illegible] Presley, Ursula Andress, [illegible] denas e Paul Lukas — *Férias [illegible] pulpo.* Para maiores de 12 [illegible]

Teatro-Cine Triunfo

Gafanha d[illegible] da Vila

Sábado, 6 — às 2[illegible] Um grandioso [illegible] *Da Terra Nascem os Homens* [illegible] maiores de 17 anos.

Terça-feira, 9 — [illegible] e Quarta-feira, 10 [illegible] às 21.30 horas O filme — *O C[illegible] Morgan* — Para maiores de 12 [illegible]

FORÇA AÉREA
Base [illegible] n.º 7

Fornecimento de Géneros

Faz-se [illegible] que se encontra a[illegible] concurso até 22 de J[illegible] para fornecimento de [illegible] eros: Mercearia, Pão, [illegible] nes, Peixe e Azeites.

Os conc[illegible] tes deverão enviar a este [illegible] selho Administrativo, [illegible] rta fechada e lacrada, [illegible] s 15 horas do dia ind[illegible], propostas dos referidos [illegible] eros.

O fornec[illegible] o terá início em 1 de J[illegible] e terminará em 30 de S[illegible] ro de 1964.

Os conc[illegible] tes terão de depositar [illegible] Conselho Administrati[illegible] no acto da entrega da [illegible] sta e como caução, a [illegible] rtância de 500$00 (Qui[illegible] os escudos), que levanta[illegible] caso não lhe seja adjudic[illegible] qualquer fornecimento.

O cader[illegible] de encargos encontra-se [illegible] ente neste Conselho A[illegible] strativo, todos os dias [illegible] s, das 9 às 16 horas, exc[illegible] aos sábados.

Base em [illegible] Jacinto, 3 de Junho de 1[illegible]

O Chefe [illegible] ntabilidade,
Mário Gui[illegible] s Folhadela [illegible] es
Ten. [illegible] I. C.

BUGAZ

COMUNICADO

A Agê[illegible] Comercial RIA, L.da [illegible] comunica que em face [illegible] regime de horário de [illegible] lho, de Junho a S[illegible] ro, apenas haverá ab[illegible] mentos, aos Sábados, [illegible] 13 horas, devendo os [illegible] efectuar-se até às [illegible] ras.

DES POR TOS

Secção dirigida por *António Leopoldo*

REMO

CAMPEONATO NACIONAL DE FUNDO

Como aqui anunciámos, realizou-se no domingo, no Porto, o Campeonato Nacional de Fundo — competição que se não efectuava há mais de 30 anos e agora voltou, louvàvelmente, a ser incluida no calendário federativo.

O remo nacional viveu um momento de alta euforia, pois as regatas concitaram o interesse de alguns milhares de espectadores, que seguiram e aplaudiram os remadores ao longo dos 5000 metros do percurso, utilizando diversos meios de transporte.

Depois, será ainda de relevar a presença de elevado número de equipas — quinze — representando nove clubes (C. U. F., Ginásio Figueirense, Fluvial e Sport concorreram em «yolles» e em «shell»), circunstância que veio emprestar enorme emoção às regatas e tornar a jornada de domingo um autêntico êxito desportivo. Está de parabéns o remo português. E estão ainda de parabéns os dirigentes dos prestigiosos Fluvial Portuense e Sport Clube do Porto que organizaram estes campeonatos, por incumbência da Federação Portuguesa do Remo.

As tripulações do Grupo Desportivo da C. U. F. estiveram em grande evidência, ganhando, com brilho, as duas provas, após lutas renhidas e empolgantes com os clubes da Figueira da Foz («yolles») e com o Caminhense («shell»).

Apuraram-se os seguintes resultados:

YOLLES

1.º - C. U. F.; 2.º - Naval 1.º de Maio; 3.º - Ginásio Figueirense; 4.º - Sport; 5.º - Náutico de Viana; 6.º - Fluvial; 7.º - Ferroviário.

SHELL

1.º - C. U. F.; 2.º - Caminhense; 3.º - Ginásio Figueirense; 4.º - Fluvial; 5.º - Galitos; 6.º - Sport.

FUTEBOL

Taça Ribeiro dos Reis

Resultados da 2.ª jornada:

Grupo I

Feirense - Espinho	2-1
Boavista - Leça	3-4
Leixões - Vianense	3-0
Famalicão - Braga	0-2

Grupo II

Lusitano - Covilhã	1-3
Peniche - Académica	2-1
Marinhense - Oliveirense	2-2
Beira-Mar - Sanjoanense	2-2

Jogos para amanhã:

Vianense - Feirense
Espinho - Leça
Braga - Leixões
Boavista - Famalicão
Oliveirense - Lusitano
Covilhã - Académica
Sanjoanense - Marinhense
Peniche - Beira-Mar

Beira-Mar, 2 - Sanjoanense, 2

Jogo no Estádio de Mário Duarte, ante diminuta assistência, sob arbitragem do sr. João Pinto Ferreira, do Porto.

As equipas formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Rocha; Girão, Liberal e Evaristo; Brandão e Pinho; Miguel, Diego, Calisto, Fernando e José Manuel.

SANJOANENSE — Sardinha; Carlos, Augusto e Almeida; Ivan e Oliveira: Bauer, Vasco, Lima, Macedo e Castro.

Defendendo-se com aplicação e empenho, e explorando o contra-ataque com rara felicidade, os sanjoanenses puderam por duas vezes recuperar o atraso na contagem, contrariando o ascendente do seu antagonista e construindo um resultado que é sumamente lisonjeiro para o seu trabalho.

Os beiramarenses mereciam a vitória, já que foram mais incisivos e mais dominadores, efectuando alguns ataques de excelente recorte. Todavia, a finalização foi deficiente (Miguel desperdiçon mesmo um *penalty*, aos 53 m., enviando a bola contra um poste e tentando depois ele próprio efectuar a recarga) — e a equipa veio a ressentir-se, na defensiva, da falta de uma unidade, pois Pinho lesionou-se e, a *back* esquerdo, não conseguiu cumprir, o mesmo vindo a suceder ao seu substituto (Calisto), na fase derradeira do desafio.

De resto, a partida foi bastante correcta mas muito modesta, no que respeita ao *association* produzido. O tempo, de facto, já não é para «futebois» em torneios de reduzido ou nulo interesse como o presente, nesta altura da época...

Arbitragem displicente e algo descuidada, que perdoou dois *penalties* à turma de S. João da Madeira — por faltas de Augusto (aos 70 m.) e de Sardinha (aos 88 m.), ambas sobre Diego.

MARCADORES — Pelo Beira-Mar: *Fernando*, aos 14 m., e *Diego*, aos 65 m.; e, pela Sanjoanense, *Bauer*, aos 32 m., e *Vasco*, aos 76 m.

PROVAS NACIONAIS

★ III Divisão

Na Zona Norte, realizou-se apenas um jogo das meias finais. Em Viseu, o Académico derrotou por 3-2 o União de Lamas.

Amanhã, no Campo do Carrascal, os dois grupos voltam a defrontar-se; e se os lamacenses lograrem triunfar por mais de um golo, passarão desde logo à II Divisão Nacional.

A outra partida das meias-finais não se realizou, pois desconhece-se ainda qual será o adversário (Vila Real ou Gil Vicente?) do Tirsense.

★ Juniores

Resultados da 8.ª jornada:

Sanjoanense - Salgueiros	5-0
Lamas - Vilanovense	3-2
Varzim - Vianense	6-1
Leixões - Lousanense	6-2
Porto - Académica	5-1
Anadia - Alba	3-0

Resultados da 9.ª jornada:

Varzim - Sanjoanense	0-1
Salgueiros - Lamas	7-0
Vianense - Vilanovense	0-1
Anadia - Leixões	3-1
Lousanense - Porto	8-2
Alba - Académica	1-1

● *Classificações:*

2.ª SÉRIE — Sanjoanense, 14 pontos; Varzim, 12; Salgueiros, 10; Lamas, 9; Vilanovense, 5; Vianense, 4.

3.ª SÉRIE — Porto, 17 pontos; Anadia, 12; Alba, 11; Leixões, 7; Académica, 4; Lousanense, 3.

★ Principiantes

Nas partidas da segunda «mão» dos quartos de final da Taça Nacional, apuraram-se os seguintes resultados:

Zona Norte

Leixões - Porto	3-2
Académica - Beira-Mar	7-0

Zona Sul

Benfica - Torres Novas	12-0
Sporting - Lusitano	7-1

Mercê destes desfechos, Leixões, Académica, Benfica e Sporting qualificaram-se para as meias-finais. Os matosinhenses, tal como os dois grupos lisboetas, lograram duas vitórias, ao passo que a Académica, amplamente derrotada em Aveiro (1-5) logrou recuperar o atraso, de forma deveras sensacional.

Académica, 7 - Beira-Mar, 0

Jogo no Estádio Municipal de Coimbra, sob arbitragem do sr. Clemente Henrigues, do Porto.

As equipas formaram deste modo:

Académica — Costa Pereira; Sobral, Barbosa e Marques; Almeida e Pombalinho; Freitas, Pestena, Franklim, Martins e Vítor.

Beira-Mar — David (Bastos); Valente, Loura e Rafael; Ramiro e Costa; Gamelas, Aires, Limas, Ernesto e Fausto (Ricardo).

Ao intervalo: 2-0, golos de *Almeida* (18 m.) e *Martins* (20 m.). Após o descanso, os estudantes fizeram mais cinco golos — por intermédio de *Pestana* (40, 47 e 69 m.), *Freitas* (43 m.) e *Martins* (60 m.).

Aferrados, teimosamente, numa toada defensiva pouco aconselhável, e adaptando-se mal à relva, os beiramarenses deram imensos trunfos aos seus adversários e ditaram, de certo modo, a sua inglória eliminação.

Ante as facilidades com que depararam, os estudantes vislumbraram a possibilidade de superarem o atraso de quatro golos do jogo de Aveiro; e, não se fazendo rogados, actuaram com empenho e muito acerto, logrando um *score* de todo imprevisto, mas merecido.

SUMÁRIO DISTRITAL

II Divisão

Resultados da 9.ª jornada:

Valonguense - Oliv. do Bairro	0-0
V. Alegre - Mealhada	4-1

Classificação actual:

1.º - S. João de Ver, 7 j., 16 pontos (14-8); 2.º - Vista-Alegre, 6 j., 14 (16-7); 3.º - Oliveira do Bairro, 7 j., 14 (10-12); 4.º - Mealhada, 7 j., 14 (13-17); 5.º - Valonguense, 7 j., 10 (5-14).

Litoral, 6 — Junho — 1964
Número 500 · Ano X

PROVAS DA F. N. A. T.

CAMPEONATO DISTRITAL DE PESCA DO MAR

Numa organização da Delegação do I. N. T. P., e sob a orientação da F. N. A. T., realizaram-se nos dias 28 e 31 do mês transacto, no Molhe Norte da Barra, as duas provas que constam do Regulamento do Campeonato Distrital, na modalidade de pesca de Mar.

Foi esta, que saibamos, a primeira vez que, no progressivo Distrito de Aveiro, se disputou um campeonato distrital integrado na organização geral da F. N. A. T. (Pelouro de Actividade Educativa e Recreativa).

Desta maneira, está-se no limiar da tão desejada e tão necessária criação duma Delegação daquela Fundação neste Distrito, a exemplo do que acontece já no Porto, em Coimbra, etc..

Ao importante assunto, os dirigentes da Delegaçao do I. N. T. P. em Aveiro têm dedicado grande interesse e inexcedível entusiasmo e fé, com os olhos postos nos elevados benefício de várias ordem (culturais, desportivos e recreativos) que poderão advir para todos os trabalhadores deste Distrito, em consequência da solução desejada e, pelos vistos, excelentemente encaminhada.

«O elemento fundamental para as grandes iniciativas, (como esta) é o entusiasmo e a fé nos homens. É esse entusiasmo e essa fé que se encontram na base das grandes realizações». E é esse entusiasmo e essa fé que não queremos deixar de enaltecer, pelo mais elementar espírito de justiça, nas pessoas dos srs. Delegado e Subdelegado do I. N. T. P. em Aveiro.

Voltando ao concurso, em que participaram 49 pescadores, (entre os quais uma senhora, o que é de louvar) não só em representação individual mas também em representação dos Centros de Alegria no Trabalho (C. A. T.) do Pessoal da Celulose, Fábrica Aleluia, Caixa de Previdência de Aveiro e Minas do Pejão, deve-se colocar em plano destacado a excelente organização do mesmo, tanto mais de destacar quanto é certo tratar-se duma prova de difícil organização, e, neste caso especial, duma prova que foi montada pela primeira vez.

Apenas as más condições climatéricas conseguiram ofuscar o brilho desta realização impedindo que o esforço e dedicação dos pescadores tal como o entusiasmo dos organizadores, fosse devidamente compensado.

Falemos agora das classificações finais:

Classificação individual:

1.º - Carlos Varela, F. Aleluia, 2.000 valores; 2.º - José Guedes da Silva, F. Aleluia, 498,26; 3.º - Carlos Prazeres, F. Aleluia, 387,75; 4.º - Esequiel Arteiro, Celulose, 356,07; 5.º - Gaspar dos Santos, Celulose, 285,71; 6.º - Mário de Moura de Melo, Celulose, 251,59; 7.º - José dos Santos, Celulose, 238,80; 8.º - Maria de Lourdes Santos, individual, 197,37; 9.º - Adriano Pires, Celulose, 165,67; 10.º - Renato Boto, Caixa de Previdência, 164,17; 11.º - Mário Pitarma, F. Aleluia, 157,89; 12.º - Manuel Neves, F. Aleluia, 135,52; 13.º - Carlos Neiva, F. Aleluia, 81,57; 14.º - José F. Figueiredo, Celulose, 80,26; 15.º - Lourenço Ravara, F. Aleluia, 63,96; 16.º - Abílio Vilaça, Caixa de Previdência, 61,84; 17.º - Américo Peralta, Celulose, 26.31; e 19.º - Miguel Sampaio, 22,36.

Em face do disposto no Regulamento da Pesca ficaram apurados para a final do Campeonato Nacional a disputar em Outubro, em Sagres, 20 % dos participantes, ou seja, neste caso, os 10 primeiros classificados (3 pescadores da Fábrica Aleluia, 5 da Companhia Portuguesa de Celulose, 1 da Caixa de Previdência e uma concorrente individual).

Classificação colectiva:

Em virtude de não haver quatro equipas classificadas, e de acordo com o que se estabelece no Regulamento da Pesca, não houve classificação colectiva.

Lúcio Lemos

XADREZ de NOTÍCIAS

No dia 14, devem realizar-se na pista do Rio Novo do Príncipe as primeiras regatas de selecção com vista aos Campeonatos da Europa e aos Jogos Olímpicos de Tóquio. Competirão tripulações de «Double-Shell», «Shell de 2» e «Shell de 4».

Com a participação de atiradores portugueses e espanhóis, efectua-se no próximo dia 21, no Fundão, o II Grande Torneio de Tiro aos Pratos e aos Pombos da Beira-Baixa, *cuja receita reverte a favor da Santa Casa da Misericórdia daquela vila.*

No domingo, a contar para o Torneio de Encerramento da A. F. A., *o Bustelo venceu o Estarreja por 7-3.*

O número inaugural do programa das comemorações do 20.º aniversário do Estarreja realiza-se no dia 14, em organização da nóvel Secção de Ciclismo daquela simpática colectividade.

Trata-se de uma gincana de velocípedes com motor.

A contar para a Taça de Portugal, em basquetebol, o Educação Física derrotou o Sporting Figueirense por 36-34, num jogo realizado em Aveiro na manhã do último domingo. Em Gaia, na quarta-feira, defrontaram-se Académico e Sanjoanense, concluindo a partida com a vitória da Sanjoanense, por 31-28.

O Galitos, isento por sorteio da segunda eliminatória, joga agora com a Sanjoanense, enquanto o Educação Física defrontará o Vasco da Gama. Os vascaínos deveriam jogar com o F. C. Porto; mas como os portistas alinharam com um estrangeiro (o seu treinador-jogador Rubens) no desafio em que venceram o Covilhã por 127-14, contrariando o estabelecido nos regulamentos da Taça, foram eliminados da prova...

Hoje, inicia-se o Campeonato Nacional de Andebol de Sete, que reune este ano o maior número de concorrentes de sempre, em «poule» única: doze, sendo dois de cada uma das seis associações regionais.

Teremos em prova: de Aveiro — *Paramos e Atlético Vareiro;* de Coimbra — *Académica e Celas;* de Lisboa — *Sporting e Almada;* do Porto — *F. C. do Porto e Salgueiros;* de Setúbal — *Vitória e Naval Setubalense;* e de Viseu — *Viseu e Benfica e Abraveses.*

Em S. João da Madeira, no domingo, o Leça venceu o Amoníaco por 35-31, na final nortenha do Campeonato Nacional da III Divisão, em basquetebol.

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 39 DO TOTOBOLA ★

14 de Junho de 1964

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Belenenses — Setúbal	1		
2	C. U. F. — Porto			2
3	Feirense — Braga		x	
4	Leça — Vianense	1		
5	Espinho — Boavista	1		
6	Vildemoinh.-Sanjoane.	1		
7	Covilhã — Peniche	1		
8	Marinhen. — Beira-Mar			2
9	Atlético — Benfica (R)			2
10	Beja — Olhanense			2
11	Lusitano V. R.-Portimo.	1		
12	C. Piedade - Barreiren	1		
13	Sp. Lobito-Sp. Mocâm.	1		

Cartório Notarial de Ilhavo

A cargo do Licenciado ALBERTO ESTEVES MARTINHO

Certifico, por extracto, que por escritura de vinte e sete de Abril de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrada de folhas vinte e oito a trinta, verso, do livro de notas próprio número Trinta, deste Cartório Notarial de Ílhavo, a cargo do Notário Licenciado Alberto Esteves Martinho, foi constituída entre Celestino Lopes do Pranto, ausente em Caracas — Venezuela, Armando Lopes do Pranto, residente em Quinta do Picado, freguesia de Aradas — Aveiro, Alvaro da Maia Moreira e António da Maia Moreira, residentes em Aradas, referida, uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «PRANTOS & MOREIRAS, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento fabril no lugar e freguesia de Aradas, concelho de Aveiro, e a sua duração é por tempo indeterminado a partir de hoje.

Segundo — O objecto social é o fabrico e venda de louça de barro ordinário, podendo ainda dedicar-se a qualquer outro ramo de industria ou comércio permitidos por Lei.

Terceiro — O capital social, já integralmente realizado em dinheiro corrente, é de cem mil escudos, e corresponde à soma de todas as cotas que são do montante igual de vinte e cinco mil escudos por cada sócio.

Quarto — Os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que carecer, como for deliberado em Assembleia Geral.

Quinto — A gerência da sociedade, dispensada de caução, fica a cargo de todos os sócios presentes, tornando-se também gerente o sócio ausente logo que regresse ao País.

Parágrafo primeiro — Para obrigar e representar a sociedade, judicial e extrajudicialmente, são necessárias as assinaturas de dois sócios, a designar em Assembleia Geral, bastando, porém, a assinatura de qualquer deles para actos de mero expediente.

Parágrafo segundo — E' proibido aos gerentes usar a firma social em actos, contratos ou documentos estranhos ou contrários ao objecto social, como letras de favor, fianças ou responsabilidades semelhantes, o que, a acontecer, será da única responsabilidade pessoal do subscrevente.

Sexto — Qualquer cessão de cotas, total ou parcial, só poderá ser feita a estranhos se a sociedade, em primeiro lugar, e qualquer dos sócios, em segundo lugar, mostrarem por escrito não terem interesse em adquiri-la, reservando-se, porém, a sociedade, o direito de preferir em qualquer cessão feita em transgressão ao aqui estipulado.

Sétimo — Em trinta e um de Dezembro de cada ano, incluindo o corrente, será dado balanço, e os seus lucros líquidos, depois de retirados cinco por cento para o fundo de reserva legal e outras percentagens votadas para qualquer outro encargo social, serão distribuidos por todos os sócios na proporção de suas cotas.

Oitavo — Apesar da interdição ou falecimento de qualquer sócio continuará a sociedade com os capazes vivos e os representantes do incapaz ou herdeiros do falecido, devendo estes, enquanto a sua cota se mantiver indivisa, nomear uma única pessoa para os representar na sociedade, de acordo com esta.

Nono — As assembleias gerais serão sempre convocadas por carta registada e aviso de recepção, com a antecipação mínima de dez dias, sempre que a Lei não imponha, para casos especiais, outras formalidades ou maiores prazos.

Décimo — A sociedade só se dissolverá nos casos e pela forma previstos nas leis especiais aplicáveis, e por esta se regulará na parte aqui omissa.

Está conforme, nada havendo na parte omitida em contrário ou além do que nela se narra ou transcreve.

Ílhavo, vinte e cinco de Maio de mil novecentos e sessenta e quatro.

O Ajudante do Cartório Notarial,
José Fernando Pereira Pires

Cartório Notarial de Ilhavo

A cargo do Licenciado ALBERTO ESTEVES MARTINHO

Certifico, narrativamente, que por escritura de vinte e oito de Abril de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrada de folhas trinta, verso, a trinta e duas, verso, do livro de notas próprio número Trinta, do Cartório Notarial de Ílhavo, a cargo do Notário Licenciado Alberto Esteves Martinho, foi aumentado o capital social da sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada firmada «PAIVA & GÉNIO, LIMITADA», com sede no lugar do Carregueiro, à Quinta do Picado, freguesia de Aradas — Aveiro, de quarenta mil escudos para setecentos e setenta mil escudos, sendo esse aumento subscrito por todos os sócios na proporção das respectivas cotas, e unificado com o capital inicial, pelo que, foi alterado o artigo quarto do pacto social que passou a ter a redacção seguinte:

Quarto — O capital social é do montante de setecentos e setenta mil escudos, dividido em duas cotas iguais de trezentos e oitenta e cinco mil escudos cada uma, ficando, uma a pertencer, em comum e partes iguais, aos consócios Adelino Rodrigues de Paiva, António Rodrigues de Paiva, Manuel Rodrigues de Paiva Júnior, Américo Fernandes Grego e António Brites da Costa, e outra ao sócio Manuel Branco Génio.

E' certidão narrativa que extraí e vai conforme ao original e na parte omitida nada há em contrário ou além do que nela se narra ou transcreve.

Ílhavo, vinte e cinco de Maio de mil novecentos e sessenta e quatro.

O Ajudante do Cartório Notarial,
José Fernando Pereira Pires

Vende-se

Piano alemão Ziwmermann A. G. Rua Agostinho Pinheiro, n.º 19-2.º D.to-AVEIRO

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª publicação

Faz-se saber que pela Segunda Secção de Processos do Primeiro Juizo desta Comarca, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando Manuel da Cruz Sérgio, separado de pessoas e bens, ausente em parte incerta de Lisboa, mas que teve o seu último domicílio conhecido na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, nesta cidade, para no prazo de vinte dias, findos que sejam os dos éditos, vir à acção com processo ordinário que os autores Baltasar da Rocha Vilarinho e esposa, D. Maria Helena Borges da Costa Moreira Vilarinho, ele industrial e ela doméstica, moradores no lugar e freguesia da Gafanha da Nazaré, desta Comarca, e outros, movem contra os réus António Pereira Ramos e mulher, Palmira de Resende Ramos, desta cidade, na qual foi requerida pelos autores a sua intervenção principal, apresentar o seu articulado ou fazer a declaração de que faz seu o articulado da parte a que deve associar-se, encontrando-se à sua disposição na Secretaria Judicial o articulado da petição inicial, sendo por este meio informado que os réus não contestaram a acção.

Aveiro, 30 de Maio de 1964

O Escrivão de Direito,
Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Vila Nova

Litoral * N.º 500 * Aveiro, 6-6-964

Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro

Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 164 — Aveiro

Chefe da Secção de Contabilidade

Faz-se público que se encontra vago o lugar de Chefe da Secção de Contabilidade desta Caixa.

A chefia daquela Secção só poderá ser exercida por indivíduo do sexo masculino, maior de 21 anos e menor de 35 anos, licenciado em Ciências Económicas e Financeiras ou em Economia pela Universidade do Porto, ou por Contabilista aprovado para a Categoria de Chefe de Secção em concurso de habilitações realizado pela Direcção Geral da Previdência e Habitações Económicas.

Aveiro, 25 de Maio de 1964.

O Presidente da Comissão Organizadora

Fernando Ruy Corte Real Amaral

Empregado de Escritório

PRECISA-SE. Que escreva bem à máquina e saiba redigir.

Dirigir carta com habilitações, curriculum vitæ e ordenado que pretende, ao n.º 223.

TESTAMENTO

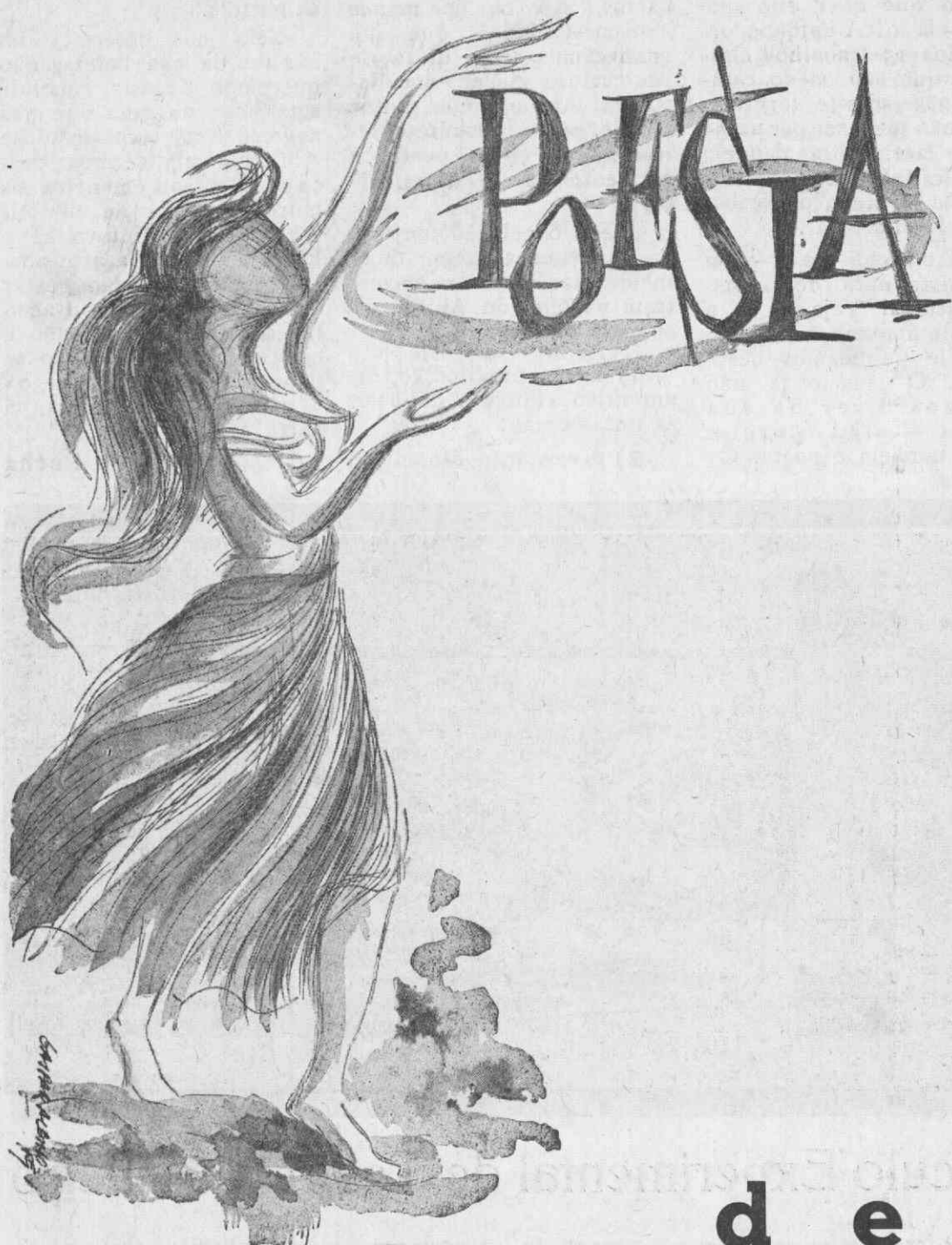
Quando eu morrer
Deixo os meus olhos a um cego pobre.

Se alguém chorar rezando
Que seja a minha Mãe
ùnicamente.
Por mim sempre a rezar chorou
De ser assim um místico descrente.

Ninguém corte sequer uma flor
P'ra colocar ao pé do meu cadáver
Em sinal de Amor
Ou de Saudade.

Por fim
Não quero apodrecer num cemitério
Alimentando os fúnebres ciprestes.
Quer seja de lei ou ilegal
Enterrem-me nu como nasci
No meio dum quintal!
(ou dum jardim...
Não há melhor estrume p'rás flores
Que o corpo dum poeta!)

Mal por mal
Assim!

Depois
Venha a Primavera!

de abílio

Ou sou poeta

Ou Louco!

Por que sou um homem

E nunca deixei de ser a criança que já fui.

retrato número 3

Cada vez mais a poesia é património comum a toda a humanidade. Sempre, em todos os tempos, ela apareceu em centenas e centenas de indivíduos.

Um sai-se um pouco melhor que o outro e sobrevive mais tempo, eis tudo.

Goethe

Uma obra de Arte é boa quando nasce duma necessidade. E' a natureza da sua origem que a julga.

R. M. Rilke

A inspiração é a passagem dum mundo para outro, da terra para o céu, ou dum céu para outro céu.

A inspiração não é o calor do espírito: um faz a eloquência o outro é a serenidade que se desloca.

Max Jacob

O AVISO MISTERIOSO

Misteriosamente
Todos os homens foram avisados.

Por quem?
Pela voz do sonho?

Onde estava o aviso?
Suspenso na treva?

Que dizia o aviso exactamente?
Ninguém sabia nada.

Mas
Todos os homens foram avisados.

uma arte que prova uma exposição estragada

Continuação da primeira página

aveirense a oportunidade de a verificar por seus próprios olhos na exposição do artista portuense Abílio, na Galeria Borges.

Abílio foi, para nós, um caso sério de pintura séria. Quis mostrar-se-nos no que é e no que foi! Há ali obras (todas as seis que são extra-catálogo) que o artista hoje já não seria capaz de fazer! E são essas, que denunciam mais ou menos ressaibos figurativos, com algo de cubismo, surrealismo, expressionismo aqui e ali à mistura, são essas as que picturalmente são mais fracas, mais tímidas, mais adolescentes! Com a presença destes trabalhos, Abílio estragou a sua exposição: quebrou-lhe a unidade, apresentando-nos dois mundos separados por um abismo.

E quer aceitemos ou não (nós aceitamo-la como autêntica, válida, conquanto não seja a que mais é do nosso gosto, pois gostamos de ver o pintor a aproveitar-se do desenho, desenhando a pintar, mas não, lá isso não a pintar o que desenha!...), quer nós aceitemos ou não como... aceitável a «pintura absoluta», somos levados a pensar, perante esta exposição, que o «abstracto» não uma mistificação, mascarilha de pintor que não sabe desenhar. E as razões desta conclusão, para nós certa, são duas:

1) Há uma unidade formal nas 5 gravuras, nas 5 monotipias, nas 5 pinturas que não podemos sem cairmos em gratuidade fraudulenta, duvidar, de que o artista, pelo menos, sabe bem o que quer e o que quer — fá-lo! A unidade formal, dos 15 trabalhos citados e que são os do catálogo, não admite tergiversões: não pode ser por acaso que se fazem obras daquela **simplicidade** conceptiva e de tanta **firmeza** de acabamento formal.

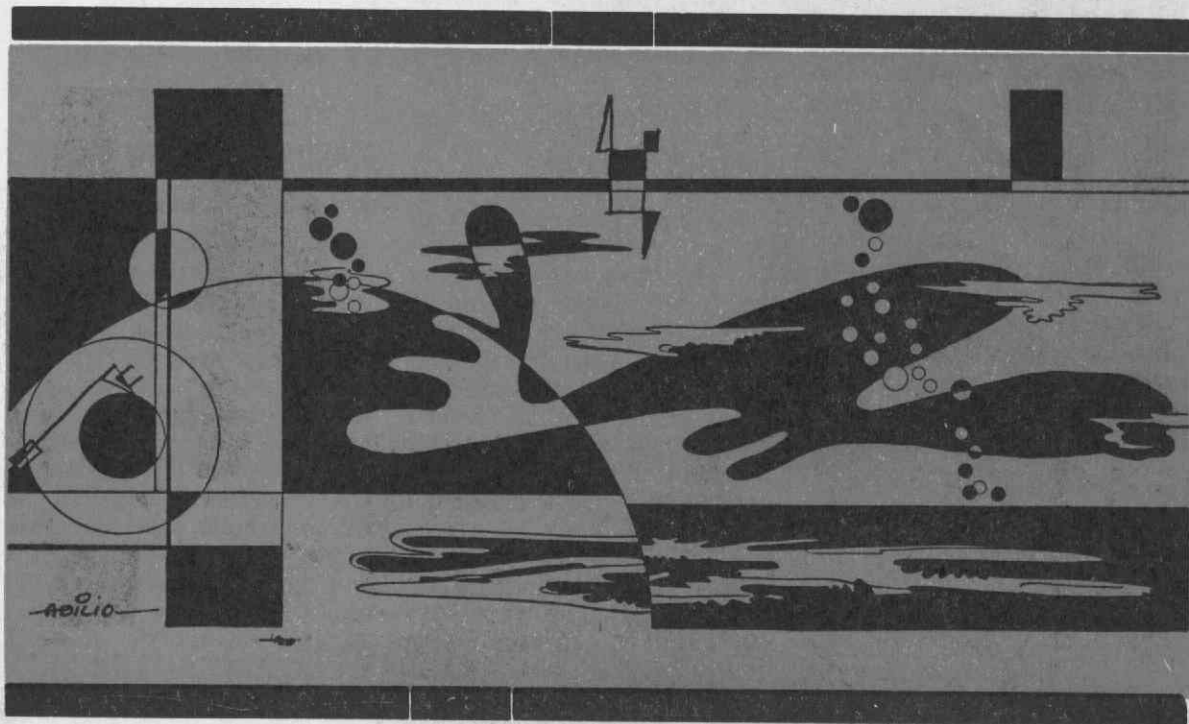
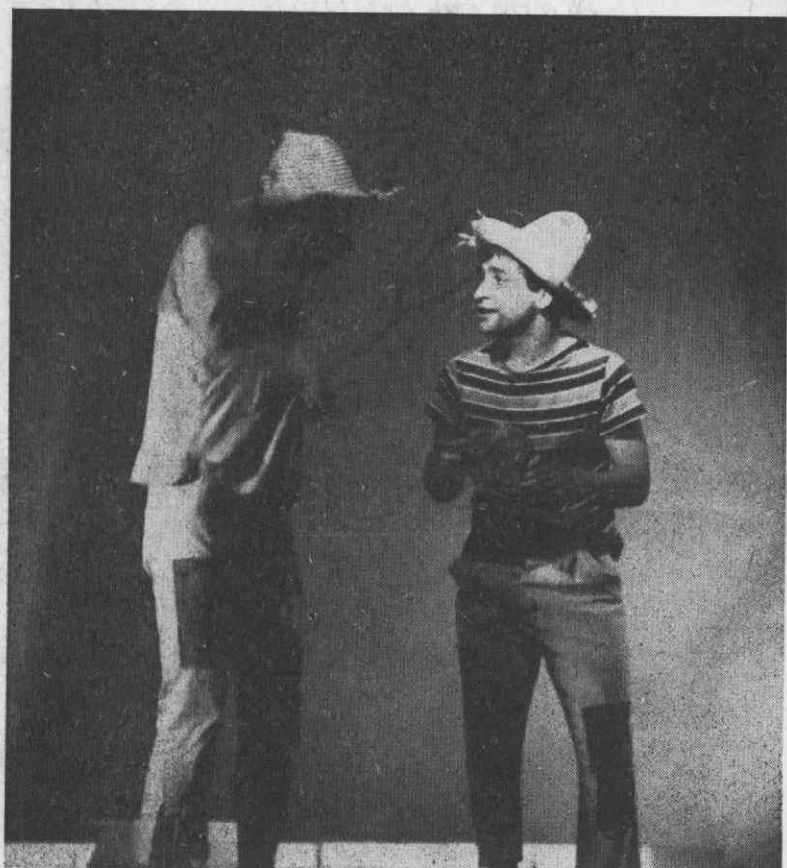
2) Abílio foi — e é! — um desenhista nato, de profissão natural! Veja-se, só a título de amostra, o desenho que dele publicamos nesta página. O mesmo já não podemos dizer da sua poesia — sim, porque Abílio também é poeta. Os poemas seus, que hoje publicamos, são os de menos «discursividade» que lhe conhecemos. Não deixa de ser curioso vincar esta distinção: Abílio, como pintor é, hoje, essencialmente «**formalista**»; como poeta, é eminentemente «**discursivo**»!

E esta conclusão é provada, experimentada por duas incidências que se encontram na obra de Abílio, na sua última fase:

1) a sua predilecção, de autêntico «fauve», de usar as tintas cruas;

2) a execução dinâmica, gestual com que ele as aplica na tela.

Sem nos determos na análise da sua beleza, não queremos deixar concluir esta pequena nota que nos sugeriu esta exposição de Abílio, sem dizermos, destacando sobremaneira os cinco trabalhos de monotipia e os de Pintura I? e Pintura II?, que a arte abstracta podemos não gostar dela, mas temos que a aceitar como coisa que não é brincadeira! E... «não se pode dar menos a um cego» — que nos vem cantar à porta!

Mário da Rocha

Círculo Experimental de Teatro de Aveiro

O fracasso, se se desse, não espantaria. A peça era um originalíssimo texto de típica comédia nondestina brasileira. Texto difícil, pois, de transpor para um espectáculo teatral condizente.

O fracasso, esse não se deu; e o êxito veio a confirmar méritos já conquistados. E ainda mais esta nova conquista: o público encontrou-se com o Teatro! Ele foi, viu e gostou!

A peça de Suassuna era um teste duro para as capacidades do CETA. Pois o «Auto da Compadecida» resultou num espectáculo de pleno agrado. Não pretendemos esboçar qualquer nota crítica, que o facto já não é notícia, mas queremos congratular-nos com o êxito: para honra de Aveiro e glória do CETA.

J. Fino, numa interpretação notável, no «Auto da Compadecida».

OUTRO ACTO

As ruas na madrugada quieta eram galerias de silêncio. A iluminação municipal, Focos de Neon, diluía-se na pálida luz do alvorecer mas a sua presença notada como gânglios num corpo. Ao nível das janelas do rés-do-chão começaram a ouvir-se vozes e ecos de vozes preenchendo a rua, como quem a atravessa apressadamente procurando evitar as dificuldades do trânsito.

Uma hora em que há dificuldades em reconhecer o interesse que possa ter a existência de certas noções ou objectos desprovidos de sentido pelo insólito da sua aparição ante nós. A sua forma, a sua côr, a sua finalidade demoram a conseguirem organizar-se em corpo, um conjunto, consideram-se em si.

O regresso penoso depois da noite perdida era bem merecido pelos momentos precedentes. Eram instantes em que a voz alta se concedia o «privilégio» de traduzir a condição humana. Reconhece. Cada frase, frases de uma palavra, palavras simples monossílabos, eram, naquela madrugada, uma página, o índice dumas circunstâncias que deram origem a um volume, vivido, que se formou progressivamente, linha recta contínua, simples acumular. um único capítulo.

Uma vida a conhecer a luz daquela hora, a olhar os cães que passavam, a recusar mulheres que se vinham oferecer em momentos difíceis, o jacto de urina lançado contra o poste de iluminação pública. Um precurso longo que podia ser interrompido, raras vezes, por um beijo no vão duma escada de inquilinos desconhecidos.

E entrar em casa finalmente... e finalmente voltar a sair.

. . . .

De grande vivacidade fôra essa vivacidade que o levara a uma vida de boémia e desta levado à sua actualidade por circunstâncias que o reduziram a um único modo de viver, Totalitarismo. Mas aqui a palavra actualidade significa um longo período de momentos idênticos. Como em determinados frisos da antiguidade a repetição da mesma imagem um certo número de vezes.

Na juventude era esse modo único de existência, essa rotina, que o seu espírito recusava aceitar como a condição para o futuro... mesmo que fosse o conforto duma situação desafogada, econòmicamente, ou uma «boa posição social». Queria viver cada momento dum modo mais intenso, que sentisse a posse de cada momento seu. Autêntico. Em cada gesto, em cada passo, em cada rictus um sentido. Que cada traço fisionómico fosse o índice da vontade.

Recusara propostas porque pensava ver nesses modos que propunham tubos inconcretos que canalizariam a sua existência e que algum tempo após ter entrado na fôrma estaria moldado como uma peça de fabrico em série, idêntica a outras já fabricadas. Teria adoptado o molde da sua posição. Absorvido pelo tipo. Seria trabalhado pelas circunstâncias como o barro enformado na fábrica e mais tarde retocado pela conveniência.

Recusou.

Em cada um a potência de individualidade, em cada um, há sua fraqueza, o perigo de redução, de resumido, convertido, comedido ao formato desenhado pelo canône convencional.

Estaria atento ao perigo da anestesia.

. . . .

Naqueles momentos reconhecia, mudo ou eloquente, que a sua vida fora um fracasso. Não pela bebida em si mas porque era um escravo submisso dela. A sua vontade dissolvera-se. E porque a sua vida tinha a rotina de funcionalismo. Estava esquemetizada, «funcionava» de noite. Seria uma excentricidade do ponto de vista dos outros mas esse critério não podia, pelos mesmas razões, ter significado para si. A sua vida era um hábito, sentia-o ele. Os seus procedimentos já eram uma tradição que celebrava ritualmente, que cumpria.

Tudo isto pensava naqueles momentos e sem que o seu companheiro se apercebesse. Na verdade não o acompanhava. Por isso o surpreendeu quando num grande esforço, amparando-se a um poste, procurou uma posição firme. Vacilou. No meio da tontura sentiu um vómito. Um jacto roxo soltou-lhe da boca mas na sua inconsciência julgou ver a gravata. Sentiu que recuperava, firmou-se melhor e a sua voz rouca gritou: Dramático e nobre.

— Perdi.

O drama via-o ele não na derrota mas no irremediável da derrota.

— Para sempre... sempre... ecos que se lhe penduraram nos ouvidos até o confundirem.

Levadas pelas circunstâncias eis como se formam as personalidades. Processo negativo.

Neste sentido e... noutros ainda me parece legítimo falar de condição humana.

A vida é uma condição.

Lopez Matos

Ex.mo Sr.
João Sarabando